

Ave MARIA

REVISTA MENSAL

ANO 103

R\$ 2,50

SETEMBRO

2001

**MUNDO DE
SOLIDARIEDADE**

**DECLARAÇÃO
DE AMOR**

**TRÊS VELAS
E UMA
LUZ**

**ECOLOGIA
E COSMOLOGIA**

**AMIZADE
DOM DE DEUS**

MARIA NA BÍBLIA

**VIDAS
PELO REINO**

BRASIL

Maria da libertação

Ensina-nos aquele Jesus verdadeiro,
carne de teu ventre, raça de teu povo,
Verbo de teu Deus;
mais nosso do que teu,
mais do povo que de casa,
mais do mundo que de Israel,
mais do Reino que da Igreja.
Aquele Jesus que, pelo reino do Pai,
arrancou-se de teus braços de mãe
e se entregou à multidão,
só e compassivo, poderoso e servidor, amado e traído,
fiel aos sonhos do Povo,
fiel contra os interesses do Templo,
fiel sob as lanças do Pretório,
fiel até a solidão da morte.



Ensina-nos a levar esse Jesus verdadeiro
pelos silenciosos caminhos do dia-a-dia,
na montanha exultante das celebrações,
junto à prima Isabel,
e diante da face de nossos povos abatidos
que, apesar de tudo, esperam por ele.

Maria nossa do Magnificat,
queremos cantar contigo,
Maria de nossa Libertação!



Contigo proclamamos a grandeza do Senhor,
que é o único grande,
e em ti nos alegramos, porque,
apesar de tudo, ele nos salva.

(continua no próximo número)



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio. **Assinatura anual: R\$ 20,00.**

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.revistavemaria.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@revistavemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin, RS; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Anselmo Pereira Almeida, MG; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Nildo Lopes de Andrade, Norte do Paraná, PR; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Roselene C.S. Ruy, Piracicaba, SP; Juarez Nicodemus Gonçalves, Baurú, SP; Andreia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP; Valdinei Aparecido de Oliveira, Triângulo Mineiro.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

Uma bandeira, a liberdade

Pátria é um nome que damos ao lugar de origem, terra de nossos pais. Mas também é um lugar onde nos sentimos em casa, livres, não somente porque dispomos de espaço para ir e vir livremente, mas porque nos sentimos protegidos por leis, por um estado de direito, por organismos e instituições que olham por nós como um pai, daí o sentido de pátria.

Porém, se à nossa volta cresce a insegurança, porque desaparecem as condições de emprego, ou porque os salários são sistematicamente corroídos pela alta dos preços que aprisionam na miséria, temos a sensação de que não estamos numa pátria de verdade, nem é este nosso lugar, e até nos revoltamos a ponto de dizer: "isso não é vida".

Quando vemos milhões e milhões de reais do erário público desviados de suas finalidades sociais pela corrupção, ou simplesmente "desaparecidos" em paraísos fiscais, sentimos que nossa pátria está escravizada nas mãos dos corruptos e gananciosos.

E, quando vemos a economia de uma nação controlada por instituições sem pátria que a qualquer momento, de qualquer parte do mundo, com um simples toque de dedo, podem empobrecer-nos até nos despejar na miséria, então é a morte.

Neste número, quisemos apresentar na capa a imagem de uma bandeira por sobre uma cruz diante do altar. Essa cruz e essa bandeira simbolizam vidas pela liberdade. Há 25 anos, essa cruz foi plantada junto à capela onde foi enterrado o mártir pe. João Bosco, em Rio Bonito/Cascalheira, MT. Há 25 anos, a Prelazia de São Félix levantou alí essa bandeira de liberdade em nome de Jesus Cristo, com a santa utopia de fazer desse lugar pátria de irmãos, terra de todos. Lá, como em outros tantos lugares, o latifúndio sufocou vidas, na tentativa de matar a liberdade, de realizar sonhos, de sentir-se numa pátria de verdade. Em vão. As sementes da fé continuam a brotar nas propostas de novos projetos econômicos que atendam as necessidades do povo e assim, impessam ao capital globalizado de nos escravizar.

Também, neste número, em "Declaração de amor" (p.9), Frei Betto nos convida a repartir o que nenhum mercado oferece: voz aos injustiçados. Nesse mesmo sentido, J. B. Libânio escreve sobre a nova visão humana da criação, no artigo: "Ecologia e cosmologia" (p.10). Reanimando em nós a esperança, Elias Leite nos apresenta: "Amizade, dom de Deus" (p.11) e o Pe. Zezinho: "Três velas e uma luz" (p.12) sobre o mistério da Santíssima Trindade.

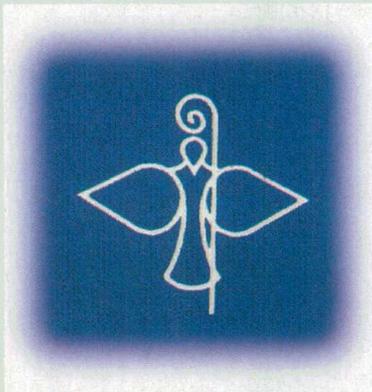
Na Semana da Pátria, em Aparecida, SP, e em outras muitas cidades, acontece o 7º Grito dos Excluídos, cujo lema: "Por amor a essa Pátria Brasil", reacende a coragem de levantar novamente a bandeira da verdadeira liberdade.

P.C.G.

Juventude

Brasília, 6/8. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, através de seu Setor Juventude, está transmitindo texto para divulgação do Dia Nacional da Juventude, que será celebrado em todo o País, no dia 28 de outubro. Está sendo apresentado também o cartaz do evento, para que se possa reproduzi-lo e divulgá-lo nos veículos de comunicação. Maiores informações pelos telefones (11) 6917-1425/(11) 9814-3452/(11) 5588-4736, com Nei Márcio Oliveira Sá, coordenador editorial do Centro de Capacitação da Juventude (CCJ).

Declaração da CNBB



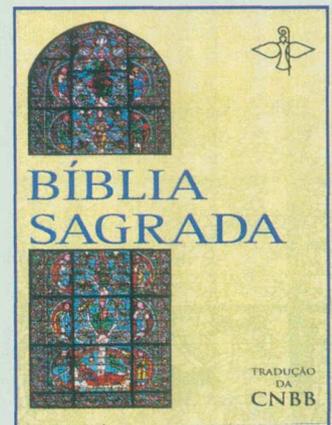
Campinas, 22/7. Reunião para a celebração do 14º Congresso Eucarístico Nacional, o episcopado elaborou a seguinte declaração sobre nosso momento atual: “Estivemos reunidos em Campinas, irmãos e irmãs, vindos das diferentes regiões do Brasil.

Esta grande cidade do Sudeste acolheu-nos cordialmente. Mostrou-nos seu grande potencial humano, financeiro e tecnológico, ao mesmo tempo em que percebemos o clamor de cidadãos que sofrem, como aliás, em todo o país, brutais contrastes entre riqueza e miséria no mesmo solo, na mesma família humana, na mesma mesa cristã. Refletimos, durante o Congresso, como o altar é a mesa da refeição para a qual todos são convidados. Jesus escolheu a ceia, a partilha do pão e do vinho, como sinal de sua presença, em substituição a todos os demais sacrifícios. Ele mesmo se doou, partilhou conosco seu Corpo e Sangue. Compreendemos que Deus está onde acontece a partilha. Foram dias intensos de trabalho em grupos. Nesses, meditamos sobre a missão, a partir do mandamento de Jesus: “Fazei isto em memória de mim”. Questionamo-nos: o que significa isto na sociedade de hoje? Como vivenciar o gesto eucarístico da partilha para sermos solidários, justos e fraternos? Meditamos, também, sobre a Eucaristia, a Igreja e o Mistério Pascal, interpellando-nos sobre os obstáculos pessoais, comunitários e sociais que impedem a Igreja de ser presença eucarística e viver a comunhão fraterna do mundo. Verificamos que a comunhão só será uma realidade entre

nós, quando todos os que hoje se encontram excluídos do mundo do trabalho, do consumo, dos direitos sociais e de uma vida digna, possam viver feliz e plenamente sua condição de cidadãos. Tomamos consciência, uma vez mais, de que a Eucaristia tem a força e o vigor de congregar os jovens. E que a mesa da criação deve ser preservada e cuidada para que o pão, o vinho e os alimentos de todos os seres que habitam a Mãe Terra sejam garantidos às futuras gerações, agora e para sempre. Celebramos, numa grande praça e vivenciamos o “Venham para a Ceia do Senhor!” O Pão e o Vinho foram distribuídos igualmente para todos. A palavra de Deus e de nossos pastores, os cantos, as danças, a criatividade e o abraço da paz, marcaram significativamente nossas celebrações. Adoramos e contemplamos o Senhor presente no Santíssimo Sacramento. Sentimos o chamado inadiável para sairmos pelo mundo anunciando a Boa-Nova, especialmente lá onde a vida é mais ameaçada. Boa-Nova que exige atenção vigilante à história de nossas comunhões para que seja a história de nossos compromissos, a fim de que haja pão em todas as mesas e fome de justiça para os que têm pão. Assumimos, como sinal do sonho eucarístico, com a Igreja de Campinas, o com-

promisso de participar na divisão da terra para multiplicar o pão; na defesa e cuidado da vida em todas as suas dimensões e na promoção humana, especialmente dos pobres e excluídos, fazendo assim, acontecer uma sociedade justa e fraterna.

Bíblia traduzida pela CNBB



Campinas, SP, 20/07 A Bíblia, traduzida pela CNBB já está pronta. Seu lançamento deu-se durante a celebração eucarística, no Congresso Eucarístico, em Campinas, SP. A nova edição é um projeto da CNBB, realizado com sete editoras católicas — Vozes, Loyola, Paulinas, Paulus, Santuário, Salesiana e Ave-Maria. Procura ser fiel aos originais e visa valorizar as leituras comunitárias na liturgia e na catequese. Desde 1991, a Igreja no Brasil procurou fazer uma tradução própria da Bíblia. “É uma linguagem que sem ser



trivial, quer ser popular”, segundo d. Clóvis Frainer, arcebispo de Juiz de Fora, MG, revisor dos Evangelhos. Tem um formato de 13,7 x 21. Na capa traz a reprodução de um vitral da catedral de Chartres, intitulado “A Bíblia dos pobres”. Saiu ao preço de 21 reais (capa plastificada) e 29 reais a de capa com zíper. Já pode ser encontrada em todas as livrarias católicas.

do Damasceno Assis, e a Declaração sobre o momento atual, destaques e votação, por d. Aloísio Lorscheider. Na praça do Congresso Eucarístico, em Campinas, SP, os bispos participaram da celebração eucarística de encerramento dos 500 anos de evangelização, abertura do ano de jubileu de ouro da CNBB e lançamento de sua tradução da Bíblia.

Papa visitará Armênia e Cazaquistão



Indaiatuba, SP, 21/7. De 12 a 21 de julho, realizou-se a 39.^a Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, cuja programação final foi a seguinte: apresentação, por d. Jacyr Braido, d. Mauro Morelli e d. Cândido Padim, do tema “Exigências Éticas e Evangélicas de combate à pobreza”; Visita do Legado Pontifício ao 14º Congresso Eucarístico Nacional, cardeal José Saraiva Martins, prefeito da Sagrada Congregação para a Causa dos Santos. Apresentação da Campanha da Fraternidade 2002 — “A Fraternidade e os povos indígenas” com o lema: “Por uma terra sem males” —, pelo secretário-geral, d. Raymun-

Vaticano, 25/7. O papa João Paulo II visitará, neste mês, de 22 a 27, as antigas repúblicas da União Soviética, a Armênia e o Cazaquistão. A confirmação da viagem foi feita pela porta-voz do Vaticano, Joaquim Navarro-Valls, num encontro com jornalistas. O Papa já visitou as antigas repúblicas soviéticas da Letônia, Lituânia, Estônia, Geórgia e Ucrânia.

ATENÇÃO

A partir do dia 23 de outubro — dia de Santo Antônio Maria Claret — o novo portal da revista Ave Maria na internet será:
www.avemariainternet.com.br

A IGREJA NO MUNDO Notícias	4
PALAVRA DO PAPA	6
CAMPANHA DA FRATERNIDADE A fraternidade e as drogas Vida sim, drogas não!	7
MÁRTIRES DA CAMINHADA Vidas pelo Reino	8
FÉ E CIDADANIA Declaração de amor <i>Frei Betto</i>	9
Ecologia e cosmologia <i>J. B. Libânio</i>	10
Amizade, dom de Deus <i>Elias Leite</i>	11
Três velas e uma luz <i>Pe. Zezinho</i>	12
Nulidade de matrimônio religioso <i>Ana Cândida Echevengá</i>	13
Maria na Bíblia <i>Geraldo Araújo Lima</i>	14
Relendo a Declaração Universal de Direitos Humanos <i>Francisco Gomes de Matos</i>	16
HISTÓRIA DA IGREJA A Igreja do Brasil na virada do século XX <i>Ronaldo Mazula</i>	18
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR Senhora de Czestochowska <i>Roque Vicente Beraldi</i>	20
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ Dorotéia e Nicolau de Tolentino <i>Ronaldo Mazula</i>	21
ALCOOLISMO Solidão <i>Sônia Mannelli</i>	23
MEU LAR Concreto e simbólico unindo-se na realidade <i>Wimer Botura Jr.</i>	24
CULINÁRIA <i>Yvone Barros Oliveira</i>	25
PARA REZAR BEM OS SALMOS Jubilosa Esperança em Deus <i>José Fonzar</i>	26
LITURGIA DA PALAVRA De 23 de setembro a 7 de outubro <i>Adelino Dias Coelho</i>	28
RELENDO A BÍBLIA <i>Norma Termignoni</i>	32
TURMA DA MAÍRA <i>Tina Glória</i>	33

Mundo de solidariedade

Eis os principais tópicos do discurso de João Paulo II ao Presidente dos Estados Unidos, George Walker Bush, ao visitá-lo, em Castelgandolfo, aos 23 de julho:

"...No início deste novo século, que assinala, inclusive, o começo do terceiro milênio do Cristianismo, o mundo continua a olhar para a América com esperança. Todavia, fá-lo com uma forte consciência da crise dos valores que está sendo experimentada pela sociedade ocidental, cada vez mais insegura perante as decisões éticas, indispensáveis para o futuro caminho da humanidade.

Ultimamente, a atenção do mundo está centrada no processo de globalização que, na década passada, recebeu um impulso vigoroso e, em Gênova, foi abordado por Vossa Excelência e por outros governantes das nações industrializadas. Enquanto se sente feliz pelas oportunidades que este processo oferece para o desenvolvimento econômico e a prosperidade material, a Igreja não pode deixar de expressar a sua profunda preocupação pelo fato de que o nosso mundo continua vivendo dividido, não já pelos antigos blocos políticos e militares, mas por uma trágica linha de responsabilidade entre aqueles que podem ser beneficiados por estas oportunidades e os que parecem ter sido excluídos das mesmas. Agora, a revolução da liberdade, de que falei na sede da Organização das Nações Unidas em 1995, deve ser completada por uma revolução das oportunidades, em que todos os povos do mundo contribuam, de maneira ativa, para a prosperidade econô-

mica e compartilhem os seus frutos. Isto exige a orientação daquelas nações, cujas tradições religiosas e culturais deveriam levá-las a prestar a máxima atenção à dimensão moral das problemáticas em questão.

O respeito pela dignidade humana e a crença na dignidade igualitária de todos os membros da família humana exigem políticas destinadas a tornar todas as pessoas capazes de aceder aos meios necessários para melhorar as suas vidas, inclusive, os instrumentos e as competências téc-



Foto: L'Osservatore Romano

nicas exigidos pelo desenvolvimento. O respeito da natureza por parte de todos, uma política de abertura aos imigrantes, o cancelamento ou a redução significativa da dívida das Nações mais pobres, a promoção da paz por meio do diálogo e da negociação, o primado do exercício da lei: estas são as prioridades que os líderes das nações desenvolvidas não podem ignorar. Um mundo global é essencialmente um mundo de solidariedade! Sob este ponto de vista, em virtude dos seus copiosos recursos, tradições cul-

turais e valores religiosos, a América tem uma responsabilidade especial.

O respeito pela dignidade humana encontra uma das suas máximas expressões na liberdade religiosa. Este direito é o primeiro enunciado pela Carta dos Direitos da sua Nação, Senhor Presidente, e é significativo o fato de que a promoção da liberdade religiosa continua constituindo um objetivo importante da política norte-americana, no contexto da comunidade internacional...

Outra área em que as opções políticas e morais têm as mais graves conseqüências para o futuro da civilização diz respeito ao mais fundamental dos direitos humanos, o direito à própria vida. A experiência já está nos mostrando que a trágica banalização das consciências é acompanhada pelo ataque contra a vida humana inocente no seio materno, levando à transigência e à aquiescência perante os outros males a isto relacionados, como a eutanásia, o infanticídio e, mais recentemente, as propostas para a criação, com a finalidade da investigação, de embriões humanos destinados a ser destruídos durante o processo.

Uma sociedade livre e virtuosa, que a América demonstra ser, deve rejeitar práticas que desvalorizam e violam a vida humana em qualquer uma das suas fases, desde a concepção até à morte natural. Defendendo o direito à vida, pela lei e mediante uma vigorosa cultura da vida, a América pode indicar ao mundo o caminho de um porvir verdadeiramente humano, em que o homem continue a ser o senhor, e não o produto da sua própria técnica..."

João Paulo II

A fraternidade e as drogas

Continuamos, desde fevereiro, a publicar os principais trechos do texto-base da Campanha da Fraternidade 2001, para propiciar aos leitores um conhecimento mais amplo de sua proposta.

Nossa sociedade é, cada vez mais, marcada pelo urbano. Trata-se menos de um espaço geográfico e mais de um modo de ser, de viver, enfim, de uma nova cultura com sua linguagem própria, seus valores e contravalores refletindo uma nova mentalidade comparada à rural tradicional. Para uma imensa multidão que, por causa de uma política rural equivocada, foi e é expulsa do campo nestes últimos anos, a cidade é, porém, com todos os seus apelos, um verdadeiro inferno.

Espaço de desenvolvimento tanto de uma individualidade madura e sadia quanto do individualismo mais feroz, o mundo urbano é, infelizmente, propício à violência, aos vícios, ao consumo de drogas. Na luta pela sobrevivência física, mental, moral e religiosa nessa selva de pedra, não tendo mais as referências do universo rural, consideradas sólidas pelos que vivem no campo, a insegurança diante dos caminhos a tomar neste novo ambiente pode conduzir a escolhas erradas. Há, na cultura urbana, novos enfoques dados aos valores, como amor, liberdade, família, religião, que assustam e perturbam. Assim, por exemplo, liberdade, amor, fidelidade, solidariedade, convertem-se em fardo pesado, parecendo ser mais fácil abdicar das opções pelos valores humanos

que contam, evitando-se responsabilidade e compromisso. Em lugar da liberdade, as pessoas se amarram na teia das ilusões das promessas do ganho fácil, da libertinagem, das aventuras. E aí se abrem as portas para o comportamento anti-social, entre os quais o do consumo de drogas.

Nova forma da mercadoria e hegemonia neoliberal

O fenômeno da crise de valores na cultura urbana tem raízes nas transformações pelas quais passam a economia e a política em âmbito mundial, a partir de uma ideologia avessa aos valores humanos, porque fundada no absolutismo do dinheiro, que, por sua vez, cria um fascinante universo simbólico próprio. A produção e o comércio se difundem e se globalizam, e o capital financeiro ganha hegemonia e desconhece fronteiras. Instala-se, em todo o mundo, feroz concorrência pela disputa de mercados, não tanto pelo aumento do número de consumidores, como na onda do "consumo de massa", mas para vender muito para os



poucos que podem comprar. Temos aí a corrida pela produção de bens supérfluos, com a conseqüente exasperação dos desejos e, portanto, a criação de necessidades artificiais. A mercadoria incorpora cada vez menos valor de uso e mais valor simbólico, que é transferido ao custo: o que conta é a marca, a "griffe", a sensação de identidade com o esportista ou a celebridade que aparece na propaganda. Esse consumo de mercadorias simbólicas atrai pessoas dispostas a pagar qualquer preço para participarem desse mundo mágico, forçando quem não pode pagar a entrar em depressão ou a tê-los a qualquer custo.

Associada ao processo de globalização, as ideologias consumistas adotadas pelas elites e difundidas pelos órgãos da mídia, tornaram-se modo de pensar e de agir político que desqualifica como "atrasada" outras opções que se apresentem em oposição. Um de seus postulados é que o mercado não deve ser submetido a regulamentações externas e que o Estado não pode intervir na vida econômica, mas sim favorecê-la. Ao Estado, segundo eles, cabem as ações no campo social, não atendido pelos agentes econômicos do mercado, o que é, em geral, dificultado por causa do alto custo do serviço e da dívida externa a ser paga aos credores. Uma das conseqüências dessa ideologia é a redução dos investimentos públicos nos setores de saúde, educação, agricultura, previdência social e habitação. Outra conseqüência grave é o desemprego, que faz multiplicar o trabalho informal.

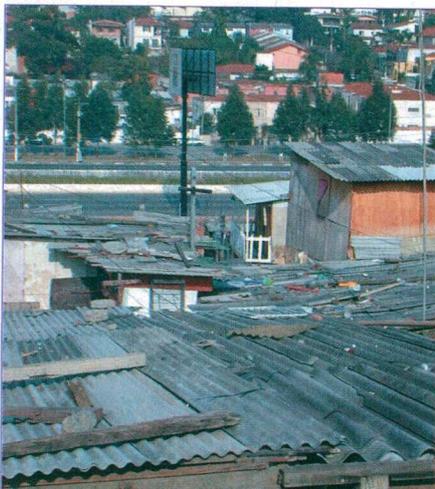


Foto: Eduardo Russo

Vidas pelo Reino



Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix de Araguaia, abriu a 5ª Romaria dos Mártires. Durante a caminhada de quase 3 km, 4 mil pessoas acompanharam, com reflexões apresentadas por vários movimentos ligados aos direitos humanos.

ros) muitas das quais pertencentes à Pastoral Indígena, Pastoral Operária e outros.

No dia seguinte, houve uma missa concelebrada por mais de 50 sacerdotes e dois bispos, Pedro Casaldáliga e Eugène Lambert Adrian Rixen, de Goiás, GO. Participaram também da cerimônia, o bispo anglicano Almir dos Santos, de Brasília, o pastor luterano Roni Roberto Balz, de Querência, MT, religiosas, religiosos e o povo de várias comunidades. Muitos parentes dos mártires carregaram estandartes daqueles que deram a vida pela causa do reino de Deus. Assim, um dos pontos altos foram os testemunhos da celebração, durante a homilia. Entre eles, de uma enfermeira que atendeu o pe. João

Há 25 anos, em 11 de outubro de 1976, em Ribeirão Bonito/Cascalheira, Mato Grosso, o padre jesuíta João Bosco Penido Burnier foi vítima da brutalidade de policiais militares, quando, juntamente com d. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, foi à delegacia defender duas mulheres que estavam sendo torturadas. Após rápido diálogo, um soldado desfechou no rosto do padre um soco, uma coronhada e um tiro. O sacerdote morreu no dia seguinte, em Goiânia, festa de Nossa Senhora Aparecida. Suas últimas palavras foram: "Acabamos a nossa tarefa!"

No local da cadeia, derrubada pelo povo revoltado, foi erguida uma cruz de madeira, "a cruz do pe. João Bosco", como ficou conhecida, até hoje (foto da capa). Alí mesmo, onde foi assassinado foi edificado um Santuário aos mártires latino-americanos. Lá são venerados os que morreram por defender os fracos contra os poderosos. Todos os anos, faz-se até lá a Caminhada dos Mártires, em defesa dos que ainda sofrem injustiça por causa da opressão.

A 5ª Romaria dos Mártires deste ano teve como tema: "Vidas pelo Reino"!

Realizada no dia 14 de julho, contou com cerca de 4 mil pessoas (de muitos estados e de cinco países estrangeiros

Missa concelebrada por mais de 50 sacerdotes e os bispos: Pedro Casaldáliga e Eugène Lambert Adrian Rixen, de Goiás, o bispo anglicano Almir dos Santos, de Brasília, o pastor luterano Roni Roberto Balz, de Querência, MT, religiosas, religiosos e o povo de várias comunidades.



Fotos: Jamivaldo Alves dos Santos

D. Pedro Casaldáliga na 5ª Romaria dos Mártires da Caminhada, 14 de julho, em Ribeirão Bonito/Cascalheira, Mato Grosso.

Bosco, há 25 anos, após o atentado; de uma índia que falou do assassinato do pe. Rodolfo; e, finalmente de d. Pedro Casaldáliga.

"Há séculos que nossa América vem sendo regada pelo sangue dos muitos mártires, que os impérios, as oligarquias e as ditaduras vêm fazendo neste Continente da morte e da esperança. Povos indígenas inteiros misturaram seu sangue com o de alguns missionários heróicos, com o sangue do Povo Negro trazido da Mãe África para a escravidão e com o sangue dos libertadores e libertadoras de todos os tempos desta Pátria Grande". Estas palavras de d. Casaldáliga, de uma atualidade permanente, devem levar-nos a também a dar testemunho coerente com nossa Fé, na vida particular e em público, lutando por todas essas causas pelas quais nossos mártires vêm dando a vida pelo reino de Deus!



Declaração de amor

Frei Betto

Visto a camisa do Ano Internacional do Voluntariado, promovido pela ONU, e faço do meu tempo livre laço e abraço que me une aos desfavorecidos. Espelho-me em meu próximo. Faço de sua dor o meu ardor, de seu sofrer o meu dever, de seu desamparo o ponto em que paro, ouço e destriho-me do comodismo para ir ao seu encontro.

Abro as janelas do espírito e espano a poeira da dessolidariedade. Arranco os olhos da TV, o traseiro do sofá, a indolência da ociosidade e recolho a língua de inconfidentes mesquinhas. Vou até lá, onde a carência é expectativa de mão amiga: a creche da periferia, o hospital de indigentes, o asilo de memórias esquecidas, as instituições do terceiro setor comprometidas com o pão de cada dia da verdadeira democracia: a cidadania.

Não faço o trabalho do poder público, nem o isento da obrigação de resgatar, o quanto antes, a dívida social. Não me disponho a ser mão-de-obra gratuita de entidades que sonham o direito ao trabalho com o recibo adulterado da boa vontade alheia.

Ser voluntário é somar esforços, entrar pela porta de compaixão e repartir o que nenhum mercado oferece ou provê: carinho, apoio, talento, cumplicidade, de modo a dar vez a quem foi emudecido pela opressão, e voz a quem foi excluído pela injustiça.

O voluntariado resgata a minha auto-estima, redesenha minha face humana, desdobra as fibras endurecidas de minha abissal preguiça,

insere-me na dinâmica social, faz-me próximo dessas multidões premiadas injustamente pela loteria biológica por nascerem empobrecidas. Eu poderia ser um deles. Meu bem-estar, mais que privilégio, é (b)ônus.

Sou voluntário porque sou solidário, presente no universo das aflições, na esfera alucinada dos dependentes químicos, na saudável reinvenção do esporte junto àqueles



Fotos: Eduardo Russo

que estão próximos a ser derrotados pelo jogo do crime. Mobilizo coletas de alimentos para quem sabe que "a fome é ontem", como exclamou Gabriela Mistral, e conquista de direitos, para quem padece desmandos estruturais e políticos.

Apóio empresas cientes de sua responsabilidade social. Busco torná-las elos da vasta corrente ética que já não faz da obsessão de lucro sua única razão de ser, pois centram o ser humano em seus empreendimentos ecológicos, liberam funcionários para atividades voluntárias, sem reduzir-lhes salários ou cobrar-lhes reposição de horas. São empresas prestadoras do único serviço que

não tem preço: o gesto samaritano.

Não faço "caridade", nem dou esmolas. Longe de mim o assistencialismo que aplaca descasos políticos como quem aplica pomadas. Voluntário, sou multidão. Solidário, sou mutirão. Somando com todos aqueles que têm fome e sede de justiça.

Inebriado pela utopia bíblica do paraíso, recuso-me a acatar qualquer uma das fraturas que negam à família humana o direito à fraternura. Dou as mãos a quem acredita que a felicidade é o artigo único da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Convidado pelo projeto "Sempre

Clube de mães, voluntárias, Centro Social da Igreja Coração de Maria, São Paulo, onde se ensina tricô, crochê, pintura em pano para pessoas carentes.



um papo", monitorado por Afonso Borges, estive em Belo Horizonte, no Palácio das Artes, em

companhia de Milú Villela, presidente do Comitê Brasileiro do Ano Internacional do Voluntariado, e Roberto Shinyashiki, médico-psiquiatra e escritor, para falarmos do "Compromisso por um Brasil melhor". No decorrer da semana, "Sempre um papo" levou aos bairros Demóstenes Romano Filho, coordenador do Centro do Voluntariado de Minas Gerais. 

Frei Betto é escritor, autor em parceria com Luís Fernando Veríssimo e outros, de *O Desafio Ético* (Garamond), entre outros livros.

Ecologia e cosmologia

J. B. Libânio

Setembro é primavera. Festa da árvore. Nada melhor do que pensar na relação do mundo de ciências e a natureza. É a Cosmologia que se interessa por estudar filosoficamente o mundo.

O termo cosmologia modificou ultimamente de sentido. Na Escolástica significava a parte da filosofia dedicada ao estudo do mundo. Especulava-se sobre o tempo, o espaço, a constituição da matéria e outros problemas afins. Hoje os cientistas se apossaram desse termo. Considera-se Einstein o pai da nova cosmologia quando em 1917 pôs os pressupostos para ela. A idéia principal vai na direção de considerar o universo como um objeto único, uma entidade física única que pode ser estudada como um todo por meio das leis da física.

Sem querer entrar em questões estritamente científicas — remeto o leitor ao livro: L. C. Susin, org., *Mysterium Creationis. Um olhar interdisciplinar sobre o Universo*, São Paulo, SOTER/Paulinas, 1999 —, interessa-nos perceber como a nossa consciência e mentalidade modificaram-se profundamente em relação ao universo.

Este deixou de ser uma coisa externa e separada de nós, mero objeto de nossa ação transformadora e, por que não dizer, exploradora e depredadora, para adquirir sua verdadeira dimensão e grandeza. Sentimo-nos cada vez mais um ser dentro desse gigantesco processo evolutivo que se estende no tempo a 15 bilhões de anos e no espaço a mais de 50 bilhões de galáxias. As dimensões absoluta-

mente inimagináveis do universo minam o nosso míope orgulho antropocêntrico. Faz-nos entrar em comunhão com sua totalidade.

E quando nos voltamos para o planeta Terra, diminuta casquinha azul, perdido no oceano cósmico, despertada em nós o sentimento de cuidado por essa jóia viva no meio à massa mineral do universo. A Terra compara-se a uma plantinha verde e frágil encontrada num Saara de areia. Que carinho ela receberia de um viandante perdido na sequidão do deserto!

Cosmologia e ecologia unem-se

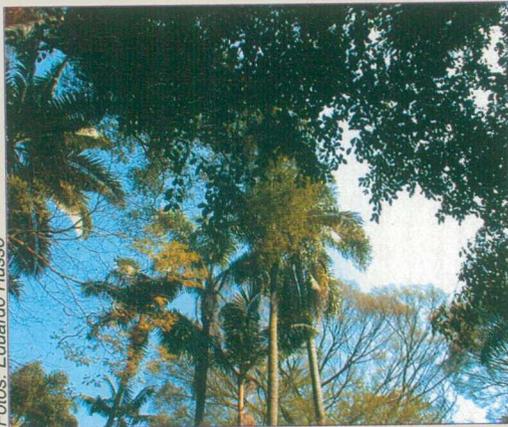


Foto: Eduardo Russo

para dizer ao ser humano o quanto ele é pequeníssimo e quanto ele precisa cuidar de sua casa Terra, também ela pequeníssima.

Não se trata apenas de conservar a Terra, porque, se não o fizéssemos, nós mesmos participaríamos de uma morte total — morreria a Terra e nós com ela. Esta seria, ainda, uma visão antropocêntrica, simplesmente moderna. Avançando para além dessa compreensão, a cosmologia atual e a ecologia profunda visam à criação

de uma nova consciência humana.

Substituem-se todos os resquícios de dominação pelo espírito de comunhão. Comunhão que se estende em todas as direções. Para trás, insere-se no extraordinário processo evolutivo. Fomos forjados com as mesmas substâncias fundamentais que se encontram no universo. Nosso DNA comunga com os códigos dos animais. Ele nos separa do chimpanzé somente em 1,5%. Os genes, descobertos nos anos 80, são similares em todos os seres vivos, estruturando-lhes a cronologia do desenvolvimento. Para frente, somos princípio-esperança, na genial intuição de E. Bloch. Somos o futuro já iniciado. Somos a potencialidade do paraver. Olhando para os lados, somos irmãos de todos e de tudo. Olhando para baixo, somos raiz que arranca do solo profundo da terra e da história a seiva de nosso existir. Para cima, somos filhos de um Pai criador e salvador.

Tanto mais nós nos fechamos no individualismo e nos perdemos na solidão do anonimato ou das relações virtuais da Internet, quanto mais necessitamos dessa nova visão científica que nos lembre a nossa origem e realidade comunal. Quem diria que as ciências naturais que sempre primaram por sua objetividade e distância da dimensão religiosa e espiritual, hoje são propulsoras de uma nova mística que pretende entrelaçar os seres humanos com todo o cosmos. De toda essa nova leitura, emerge uma nova imagem de Deus criador. O "grande arquiteto" ou o "relojeiro divino" ou mesmo o "deus otiosus" deixa sua postura distante e extática para revelar sua absoluta Transcendência numa profunda imanência propulsora da evolução e da comunhão entre todos os seres. 

J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

AMIZADE, dom de Deus

Elias Leite

Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro (Eclo, 6,14).

Num mundo de desavenças, violento e implacável, uma reflexão sobre a amizade até se torna saudável, quando não mentalmente profilática.

De início convenhamos que, ao ser humano, a aproximação e a sociabilidade lhe sejam conaturais. Isso desde o princípio.

O Criador, ao causar o homem, casou-o a seguir, apresentando-lhe uma companheira, por achar que ele não deveria ficar só (Gn 2,18). Ao vê-la, ele vibrou de alegria: *Eis que é igual a mim, osso dos meus ossos, carne da minha carne; ela se chamará mulher* (Gn 2,23). No primeiro momento, percebeu a igualdade da natureza: carne da minha carne; no segundo, a distinção de pessoas: mulher. Daí, a sociabilidade e a união que Cristo, mais tarde, diria, referindo-se ao matrimônio (homem-mulher) e lembrando a criação: *Deus o fez homem e mulher. Por isso, o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher, e os dois serão uma só carne* (Gn 2,24). *Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, não separe o homem o que Deus uniu*" (Mc 10,6-9).

Para esta união de diferentes, homem-mulher, tão perfeitamente definida, em se tratando de pessoas, não poderia deixar de supor a liberdade de opção mútua e de aceitação. Daí, a primeira atração. O in-



teresse recíproco e crescente sentido de afinidades em direção à unidade plena pelo amor. A isso, da parte da natureza, o impulso foi chamado pelos gregos "eros"; da parte do espiritual (pessoa), foi considerado pelos cristãos, "cáritas". Sentimento mais profundo, do íntimo da alma, universalmente, por motivos óbvios, localizado no coração humano. A este amor, São Jerônimo se refere, na sua tradução latina da Bíblia, a Vulgata: *Deus cáritas est. Deus é amor* (1Jo 4,16) O amor, *eros* só, sem a sublimação perfeita do *cáritas* torna muito mais

difícil o matrimônio perdurável.

Só o eterno pereniza as coisas. E eterno é só Deus.

Como extensão desse dom de Deus, emanado do *cáritas*, surgiu a *amizade*.

Grandes filósofos e escritores de todas as épocas, sob os mais diversos aspectos, abordaram o tema amizade.

O sábio santo Isidoro, bispo de Sevilha, século VI, no seu livro

Etimologia, traz para origem do vocábulo amigo (*amicus*): *ánimi custos*: guardião da alma. Uma sutileza. E diz que procede de *hamus* (gancho) e explica: algema de amor. Gentileza. Referência ao étimo latino *hami* (anzóis): o que prende. Apenas na ponta, uma semelhança com a famosa seta do arco de Cupido.

Há quem diga que amigo e amizade (*amicitia*) provêm de *amare*: amar. Não haveria disparate, penso, se buscássemos a origem de *amigo* entre os pronominais latinos. Se a flexão pronominal ablativa de *ego* (eu) é no latim vulgar, *cum-me-cum* (co-mi-go), por que *a-me-cum*

não daria a-mi-go (a mim - comigo), isto é: alguém ligado a mim, comigo? Pelo menos a idéia etimológica procede, e define. O amigo seria, pois, "aquele que nasce de mim (*a me*) e está comigo" (*mecum*), incondicional.

Aristóteles, em sua *Ética*, definiu: um amigo "é uma alma em dois corpos". Sócrates, após discorrer sobre "quem ama e quem é amado", esclarece o ser amigo: "Somente uma pessoa de bem é amiga de outra pessoa de bem; o malvado não pode chegar à verdadeira amizade". E, "quem não ama também não é amigo". Para Epicuro, "a maior segurança é dada pela amiza-

de". Cícero, o grande tribuno romano, no seu diálogo a *Amizade*, entre tantos outros belíssimos conceitos, traz: "Não pode existir de modo algum a amizade sem a virtude. Virtude para os romanos era honestidade, honradez, decoro. O racionalista Voltaire, escreveu: "A amizade é um contrato tácito entre duas pessoas sensíveis e virtuosas". Em nossos dias, Paul T. D'Olbahc afirma: "Afim de ser sólida e duradoura, a amizade requer homens habitualmente dispostos a fazer o bem, e são estes que chamamos virtuosos".

Com estes conceitos laicos, de autores antigos e novos, julgamos dispensados de citar o que disseram da amizade, os santos. Já que, se são santos, é porque suas vidas foram a expressão da mais pura amizade com Deus e com o próximo. Cabendo-lhes o mesmo elogio de Jesus aos seus apóstolos: *Não chamo vocês de escravos porque o escravo não sabe o que o seu dono faz; mas chamo de amigos, pois tenho dito a vocês tudo o que ouvi do meu Pai (Jo 15,15). E o confirma em outro lugar: O maior amor que alguém pode ter pelos seus amigos e dar a vida por eles. Vocês são meus amigos se fazem o que eu mando (Jo 15. 12-14).*

Um velho amigo é uma riqueza, dizem os Livros Sagrados. E a amizade é proteção do amor e sua sublimação. Por isso, deve existir entre esposo e esposa, pais e filhos, entre irmãos, mutuamente. Comunidades de vida consagrada sem amizade entre todos não justificam a fraternidade. Para todos, a verdadeira amizade é ágape, é partilha. A verdadeira amizade é a reta consciência da vida, dom de Deus. 

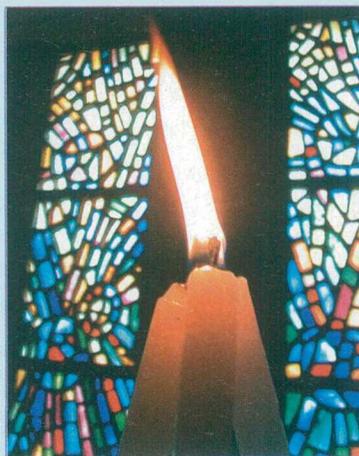
Elias Leite é missionário claretiano.

Três velas e uma luz

Pe. Zezinho

Os dogmas dos cristãos não são fáceis de explicar. O da Santíssima Trindade, que afirma que só existe um Deus, mas Ele é três pessoas, parece absurdo para outras religiões. Como elas também têm seus absurdos, estamos todos em boa companhia. E como os cientistas também tiveram e ainda têm seus absurdos, a companhia só faz crescer. Não foi o celebrado Ptolomeu que afirmou que a Terra era o centro do Universo e que o Sol, a Lua e as estrelas giravam em torno dela? Ter grande capacidade intelectual não é

Foto: Eduardo Russo



o mesmo que acertar sempre. Diga-se o mesmo sobre os religiosos. Erramos e podemos errar. Serve para todos nós que nos achamos incapazes de errar. Santo é uma coisa. Certo em tudo é outra.

Esses dias, peguei três velas iguais, originadas de uma só luz, e illustrei o que dizia, falando de uma luz que está em três velas iguais. Uma delas veio para estar no meio dessas bilhões de velinhas apagadas que somos nós. Iluminou-nos com sua luz que era também do Pai porque ele, o Filho, era luz da luz. Voltou para o

lado do Pai, a luz que o enviara. De lá mandou uma luz que era luz da luz dele e do Pai e essa luz vem iluminar quem pedir, porque é luz que vem da luz do Pai e do Filho.

Em certo momento, parei e comecei a rir. Que pretensão a minha! Querer explicar a Santíssima Trindade, com três velas iguais e

de luzes que nos chegam delas... Foi quando um senhor muito simples, de fala errada, falou: — Não pára não, padre. Continua. Tá ficando bem mais claro. Já tô sabendo, por exemplo, que é uma só luz e que Jesus é luz que

veio dessa luz e que o Espírito Santo ilumina a gente com a luz do Pai e do Filho, porque ele é luz como Jesus —. Rimos juntos. E concluí: "Não é bem assim como estamos dizendo, mas é mais ou menos por aí. Pelo menos já entenderam que, se três velas iguais nos trazem a primeira e única luz, então, três pessoas iguais na Trindade Santa podem ser uma só luz: Deus".

O difícil foi explicar o que se entende por pessoa, mas isso ficou para outra reflexão. 

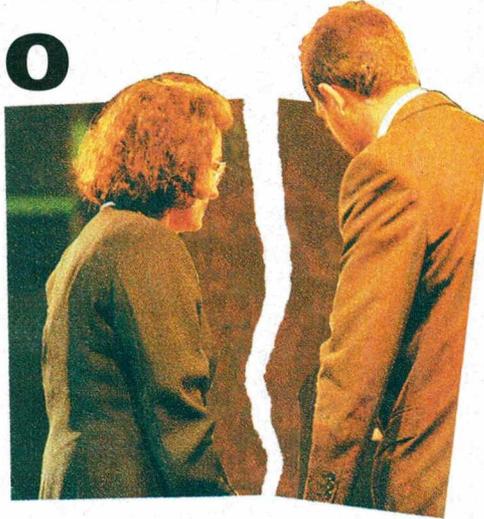
Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.

Nulidade de matrimônio religioso

Ana Cândida Echevengúá

Anós foi ensinado que o casamento religioso é indissolúvel, válido "até que a morte nos separe". A única possibilidade de anulação, até então, era através da figura do *ratum et non consummatum*, ou seja, um casamento realizado, ratificado, mas não consumado através das relações sexuais. O novo Código de Direito Canônico (CDC), de 1983, implantou substancial mudança. Nos termos do Cânone 1.697, tinha sido concedido ao cônjuge, mesmo contra a vontade do outro, "... o direito de pedir a graça da dispensa do matrimônio ratificado e não-consumado." A nulidade, ora argüida, inflete sobre matrimônios consumados, mas, mesmo assim, nulos, por vícios de origem. Não ocorreu uma liberalidade: "... a Igreja foi ao encontro dos casais que se sentiam marginalizados para dizer que Deus os ama", como expõe Ernesto Roman, em sua obra "Nulidade Matrimonial" (Ed. Paulus, 1999).

Existe uma gama de fatores capazes de determinar o questionamento da validade de um matrimônio religioso, tais como, erro na qualidade da pessoa, incapacidade psíquica, perda da razão, dolo, simulação, impotência, homossexualidade, etc. Além disto, as modernas bibliografias sobre a teologia e a liturgia sacramental apontam alguns requisitos para que a



celebração (união indissolúvel de uma mulher e um homem) atinja seus efeitos, tais como:

- agentes — dizem "ministros" — celebrantes capazes (os noivos);
- forma (a alocação canônica por parte da testemunha da Igreja: "eu vos declaro marido e mulher...");
- gesto (imposição das mãos);
- matéria (o amor dos noivos).

Sem um desses quesitos, o casamento perde sua validade. Que não se fale em "anular" — matrimônio religioso não se anula — mas sim em declarar nulo, ou levantar a questão no sentido de aquela união, jurídica, canônica e teológica jamais existiu.

O processo contempla uma declaração de nulidade. Os casos mais comuns referem-se ao chamado "erro de pessoa", onde o indispensável requisito amor deixou de fazer parte, desde os albores, da relação. Muitos se casam/casaram, por fuga, obrigados, coagidos, iludidos, cegos pela paixão, de forma pueril, irresponsável, levando o outro a pensar tratar-se de uma união de amor. Embora não haja

muita divulgação desses feitos, a verdade é que, pelo menos nas grandes cidades, é bastante significativo o número de declarações de nulidade matrimonial, invocadas as razões em questão. Eu, por exemplo, patrocino diversos processos dessa ordem, em várias Dioceses do Brasil, inclusive na Arquidiocese de Salvador. Quando é possível estabelecer e provar, junto aos tribunais eclesiais da Diocese (Cânone 1.673 do CDC) onde foi celebrado o casamento, que houve erro de qualidade de pessoa, e que o requisito amor esteve ausente no matrimônio, este se torna nulo de pleno direito.

Nas causas de separação — não se trata de impugnar o vínculo matrimonial — é necessária a intervenção do defensor do vínculo, que representa o bem público do sacramento nas causas de nulidade (Cân. 1.696). A declaração de nulidade pode ser obtida em qualquer tempo, independente do número de anos de casamento e da existência, ou não, de prole. Nesses casos, a montagem de um processo judicial e seu encaminhamento a um tribunal eclesial, pode determinar, se assim for julgado pela autoridade competente, a declaração de nulidade do vínculo religioso.

Não se trata de anular um casamento, ou "separar o que Deus uniu", mas declarar nulo, algo que nunca existiu, e estabelecer critérios para regularizar situações, a partir de casamentos desastrosos, onde pela falta do essencial, o amor, a convivência se tornou impossível. "Privar alguém do direito de acusar um matrimônio apenas formal, equívale a privá-lo do direito natural a casar-se em plenitude e ser feliz", afirma Roman.

Ana Cândida Echevengúá é advogada e professora universitária. E-mail: anaechev@uol.com.br

Maria na Bíblia

Anunciação (Lc 1,26-38)

Geraldo Araújo Lima

O anjo Gabriel vai encontrar Maria morando numa aldeia de algumas centenas de habitantes, no coração da Galiléia, uma região habitada por muitos pagãos. Sua moradia, no sopé da colina, era mais uma gruta do que propriamente uma casa. A 600 m, ficava a fonte, onde ela deveria constantemente buscar água para as necessidades domésticas. Deveria ter cerca de 14 ou 15 anos de idade e era comprometida em casamento com o carpinteiro José, da família de Davi (Mt 1,18).

Longe de nos escandalizarmos diante da pobreza de Maria durante a visita do Anjo, encontramos aqui, a

ocasião para abandonarmos muitas ilusões sobre as grandezas da terra. Toda a glória de Maria estava bem para lá da sua humilde condição terrena; estava no interior da sua alma amante, desapegada e pura. Plena da graça divina, como disse o Anjo (Lc 1,28), ela era, mais do que qualquer outra mulher, digna de se tornar a mãe do Filho de Deus. Na escolha desse humilde aparato exterior, podemos ver exatamente a secreta intenção divina de sublinhar melhor a gratuidade, a interioridade e o universalismo da própria missão.

Mensagem divina

A saudação que o anjo Gabriel dirige a Maria exprime, na língua aramaica, um augúrio de paz (*shalom*), e na língua grega, um augúrio de alegria (*khairé*). Tal saudação foi seguida por uma qualificação excepcional, que equivale a um nome próprio: *Alegra-te, ó cheia de graça* (Lc 1,28)! E também por uma fórmula que dá a esta qualificação um sentido moral e sobrenatural: *O Senhor está contigo*. Segundo o estilo bíblico, Deus está com aquele que ele favorece com a sua benevolência divina.

Os exegetas modernos, seguindo os Padres gregos, afirmam que a saudação do anjo não se reduz a um simples

bom dia, mas é um convite à alegria messiânica de que falam os profetas, principalmente Sofonias, que diz à cidade de Sião, pré-figura de Maria: *Alegra-te, filha de Sião... Javé, o rei de Israel, está no meio de ti... Não temas, Sião! O teu Deus está no meio de ti como um herói salvador* (Sf 3,14-17).

A grande perturbação que tal anúncio provocou em Maria é um sinal de que ela percebeu nele um significado superior e procurou captar-lhe o mistério (Lc 1,29). Efetivamente, o anjo explica que ela deve tornar-se a mãe do Messias. Seu filho terá o nome de Jesus, será chamado Filho do Altíssimo, o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e ele reinará para sempre sobre o povo eleito (cf. Lc 1,31-33; 2Sm 7,12ss; Is 9,5-6; Dn 7,13-14.27).

Diálogo Explicativo

Maria, porém, disse ao anjo: Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum (Lc 1,34)?

A maioria dos exegetas católicos vêem nesta pergunta a prova de um propósito de virgindade perpétua. Maria tem como que a impressão de encontrar-se diante de duas vontades divinas, dificilmente conciliáveis: de um lado, aquela que lhe inspirara o ideal da virgindade perpétua; do outro, aquela que agora lhe pede para tornar-se mãe. Sua pergunta tem por fim saber de Deus qual o comportamento que ela deve adotar.

O anjo revela-lhe o lado misterioso da maternidade messiânica: ela será mãe sendo virgem. O Espírito Santo descerá sobre ela, como desceu sobre as águas na origem do mundo (Gn 1,2), como energia divina, criadora e vivificante. A potência do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra ou nuvem, — a *shekiná*, que cobria o santuário de Israel e enchia a Arca de Ali-



Anunciação: Orazio Gentileschi (1562-1617)



faz esperar: *Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1,38).

Dando-se o título bíblico de "serva do Senhor", Maria exprime a sua plena submissão religiosa à vontade de Deus, a sua disponibilidade total ao plano divino da salvação messiânica.

O "sim" de Maria torna-se a antítese do "não" de Eva. Por isso, alguns Padres vêem no "Ave" (da Ave-Maria) o nome "Eva" de trás para a frente!

"Na hora em que o Anjo perguntava a Maria se ela queria ser a mãe do Libertador do povo, era como se a história da humanidade ficasse parada por um momento, suspensa diante da resposta daquela jovem Míriam. Deus permitiu que a resposta livre de uma moça "humilde e pobre" decidisse o futuro da humanidade. E ela não decepcionou" (Frei Carlos Mesters, *Maria a Mãe de Jesus*").



Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; convento do carmo, Recife, PE.

ança com a glória de Javé (Ex 40, 34-38). A intervenção divina fará, então, do seio de Maria o tabernáculo do próprio Deus, onde ele se fará realmente presente.

O anjo praticamente lhe pede que creia e consinta nesta intervenção. Tal cena demonstra como Deus leva em conta a liberdade da sua criatura. De fato, ele trata Maria como uma pessoa que dá o seu consentimento com pleno conhecimento de causa. E a resposta de Maria não se

JOVEM,

Você busca luzes para responder aos desafios da realidade do novo milênio?

Este Instituto serve exclusivamente à igreja particular (diocese) e vive no modo secular de Vida Consagrada.

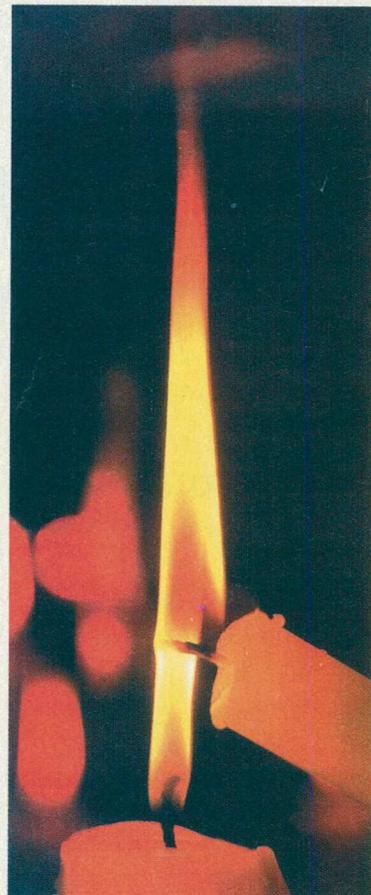


Informações:

**Estrada do Alvarenga, 5.104,
Bairro 7 Praias, São Paulo, SP
Tel.: (11) 5674-0862**

**Venha conhecer as
Missionárias das Fraternidades
Evangelizadoras**

JESUS É LUZ
E SALVAÇÃO!
CHEGA DE
ESCURIDÃO.



**Se você deseja ser claretiano,
escreva para um dos endereços
abaixo:**

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul
Centro Claretiano de Formação Missionária
"Padre Clotet"

Cx. Postal, 412 CEP 85501-970 Pato Branco, PR
Tel. (0__46) 224-2129 clotet@witeduck.com.br

**Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e
Distrito Federal**

Pe. Márcio Silva Souza
Secretariado Vocacional Claretiano

Cx. Postal, 1438
CEP 30160-01 Belo Horizonte, MG
Tel. (0__31) 222-3154 curiabc@digitus.com.br

**São Paulo, Mato Grosso, Nordeste e outras
regiões**

Pe. Janivaldo Alves dos Santos
Secretariado Vocacional Claretiano

Cx. Postal, 1205, CEP 01059-970 São Paulo, SP
Tel. (0__11) 9978-3893
janivaldo@netpoint.com.br

www.cmf.br/vocacional

Relendo a Declaração Universal de Direitos Humanos

Francisco Gomes de Matos



TRADIÇÃO DE DIREITOS HUMANOS

Embora a Declaração Universal de Direitos Humanos, DUDH, tenha sido proclamada, em 10 de dezembro 1948, o termo: "direitos humanos" já tinha começado a ser incorporado à variedade escrita de várias línguas, a partir de 1785. Esse conceito-chave inspirou-se, em parte, na doutrina de direitos naturais, segundo a qual, toda pessoa em virtude de sua condição humana, é possuidora de direitos fundamentais, além dos prescritos em lei. Simplificando, poderíamos dizer que direitos humanos têm a ver com direitos e liberdades fundamentais e com o bem-estar de todos os cidadãos planetários. Como problemática de crescente interesse universal, os direitos humanos são objeto de estudo teórico e aplicado. Assim, a Anistia Internacional tem livros, relatórios e livros sobre direitos humanos e educação em direitos humanos. (Veja quadro "Sites sobre direitos humanos").

A bibliografia sobre direitos humanos é bem vasta e diversificada.

Um exemplo de importante síntese-crítica: *The mobilization of shame — A world view of human rights*, do jesuíta americano, Robert F. Driman, professor da Georgetown University, Georgetown, Washington, D. C., edição da Yale University Press, 2001. Entre nós, em língua portuguesa, tende a crescer "qualitativamente". É o caso, muito significativo, do volume *Direitos Humanos. Conquistas e Desafios*, coordenação de Reginaldo Oscar de Castro (OAB), prefácio de Kofi A. Annan, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, publicado por Letraviva Editorial, Brasília, 1999, letraviva@zaz.com.br

Quem ainda não leu o texto da

DUDH, com o devido aprofundamento, agora, poderá fazê-lo com o auxílio de 30 colaboradores/comentadores (25 homens e cinco mulheres), oriundos do Brasil, Chile, Costa Rica e México.

Destaquem-se, também, algumas das categorias humanas representadas: advogado(a), ativista, autor(a), bispo, índio, jornalista, jurista, ministra, pós-graduando, professor, psicopedagogo, rabino, secretário de estado, teólogo, trabalhador e reitor.

Cada um dos 30 artigos da DUDH é interpretado em ensaios, cuja extensão varia de seis páginas (texto de Adolfo Perez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz, 1980) a 56 páginas (introdução de Washington Araújo e o huma-

ENDEREÇOS NA INTERNET SOBRE DIREITOS HUMANOS

www.amnesty-usa.org

Na Internet, encontram-se vários sites relacionados a direitos humanos, dentre os quais:

www.hrw.org — *Human Rights Watch*,

www.unhchr.ch — *United Nations High Commissioner for Human Rights*,

www.unicef.org — *Unicef*.

A própria DUDH é objeto de vários sites, como:

www.un.org/pubsCyberSchoolBus/humanrights/resources/plain.htm

nizador conto de Lygia Fagundes Telles, *A confissão de Leontina*). Duas personalidades bem conhecidas do público Marcos Terena e Paulo da Silva (Vicentinho), fazem-se ouvir, neste bem-concebido e editorado volume. O texto de cada artigo é acompanhado de sugestiva ilustração, em preto e branco.

OMISSÃO: DIREITOS LINGÜÍSTICOS

Para este articulista, engajado desde 1984 no movimento em favor de uma nova categoria de direitos humanos — os direitos lingüísticos —, foi de especial interesse o comentário de Leonardo Boff sobre o artigo 19 da DUDH, referente ao direito à liberdade de opinião e expressão. Em que pese a oportuna reflexão daquele autor sobre "a contribuição singular da América Latina para os direitos humanos: as próprias maiorias que se sentem violadas assumem, mediante suas organizações, a cobrança da universalidade dos direitos e sua defesa" (p.251) e as alusões ao "direito de fala" e o "garantir a fala a todos" (p.255), não encon-

trei menção explícita a direitos lingüísticos. Aos interessados, recomendando a consulta ao texto da Declaração Universal de Direitos Lingüísticos (proclamada em Barcelona, 1996) no site www.linguistic-declaration.org e, para conhecer-se um pouco do pensamento deste articulista sobre direitos lingüísticos/comunicativos, leia-se nosso livro *Comunicando para o bem* (Editora Ave-Maria, SP, 2001).

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Como importante área formativa, a educação em direitos humanos, no Brasil, muito poderá beneficiar-se com o uso deste inspirador livro, por todos os que se ocupam das — e não apenas se preocupam com — condições de vida cultural, econômica, educacional, espiritual, social, política e comunicativa de pessoas, grupos e comunidades. Louve-se a diversidade de perspectivas apresentadas e também a presença do Espanhol como língua de publicação. Em suma, façamos releituras da DUDH, cada vez mais aprofundadas, pensando em nossa cidadania comunitária, nacional e planetária. Este livro será um meio auxiliar inestimável para continuarmos a construir nossos saber e saber-agir, no desafiador território dos direitos humanos. 

Foto: Eduardo Russo

Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Lingüísticos, da Univ. Federal de Pernambuco, Membro da Comissão de Direitos Humanos, CAC, UFPE, Recife. fogm@cashnet.com.br

JOVEM,

Deus pode
estar chamando
você para ser um
sacerdote religioso
PREMONSTRATENSE



Se você busca uma
consagração pela
VIDA COMUNITÁRIA,
LITURGIA DAS HORAS,
MISSA CONVENTUAL DIÁRIA,
ADORAÇÃO EUCARÍSTICA,
AMOR ESPECIAL POR MARIA,
SERVIÇO AO POVO DE DEUS,
entre em contato conosco:

**ABADIA DE
SÃO NORBERTO**

Rua Tenente Navarro, 446 - Jaú, SP
Caixa Postal 121- CEP 17201-970
Tel./Fax: (14) 622-2721 ou 625-1753
E-mail: priorado.jau@netsite.com.br
Site: <http://sites.uol.com.br/snorbert>

A Igreja do Brasil na

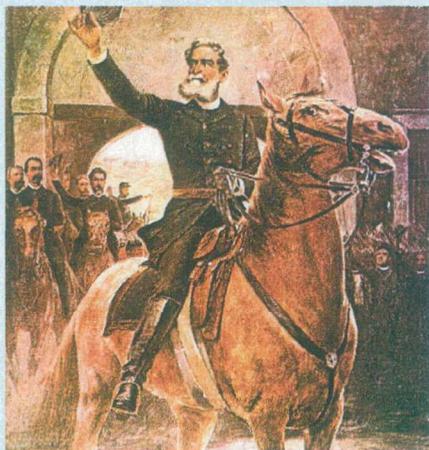
Ronaldo Mazula

Nos últimos dois números da *Revista Ave Maria*, julho e agosto, foi feita uma pausa na seqüência dos temas da História da Igreja, dando lugar a dois artigos sobre as recentes viagens do papa João Paulo II à Grécia, Síria, Malta e Ucrânia.

Retomamos agora, o tema da situação da Igreja no Brasil, na virada do séc. XIX para o XX.

Já abordamos o tema da Proclamação da República com o fim do 'Direito de Padroado', a separação entre Estado e Igreja e as perspectivas eclesiais do início do século XIX, com d. Sebastião Leme e o redentorista pe. Júlio Maria. Neste artigo, será aprofundado, um pouco mais, o que ficou conhecido como o processo de romanização da Igreja do Brasil (1890-1965).

Com a Proclamação da República, em 1889, teve fim o 'Direito de Padroado' e aconteceu o 'renascimento católico' no Brasil. Chegaram novas ordens e congregações religiosas. Criaram-se novas dioceses. Fortaleceu-se do modelo eclesial tridentino, sacramentalista e eclesiocêntrico, em detrimento do catolicismo popular. Surgiu a 'Ação Católica'. Destacaram-se 'intelectuais católicos', como: Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde, Carlos de Laet, pe. Júlio Maria, etc. A Igreja se organizou, de modo especial, com o surgimento da Conferência Nacio-



Oleo de Henrique Bernardelli

nal dos Bispos do Brasil, CNBB, em 1952, e, da Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB, em 1954. Expandiram-se, enfim, vários movimentos eclesiais. Por outro lado, tomou vulto o pluralismo religioso, pois, com a liberdade de culto, ganharam espaço outras confissões religiosas. Cresceram, também, cultos afros e um certo relativismo religioso.

Processo de restauração-romanização

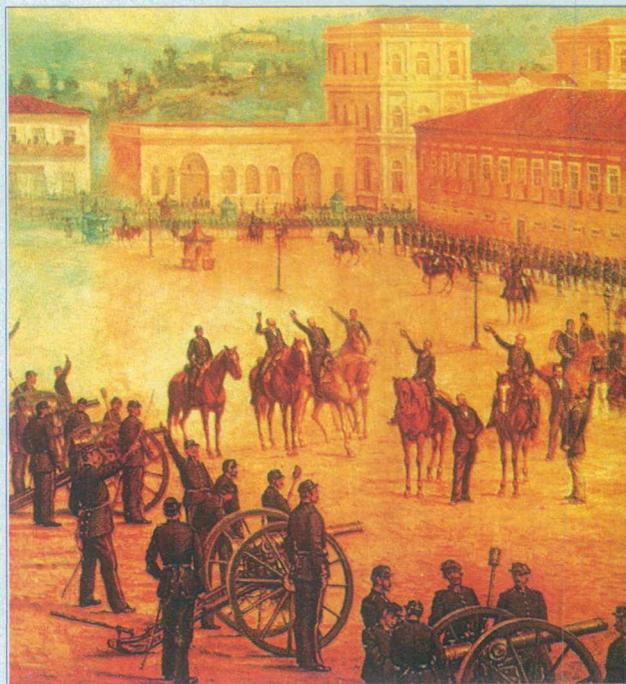
Como já vimos, no período colonial e imperial, a Igreja brasileira era dependente do Estado. Os bispos e padres não tinham liberdade nem podiam tomar iniciativas para desenvolver um trabalho eficaz, porque se viam bloqueados em suas atividades internas e externas. O regime de Padroado, a decadência das ordens religiosas tradicio-

nais e o triste estado do clero secular fizeram com que a crise eclesial fosse inevitável. Assim, o século XX, para a Igreja, começou com uma necessidade de reforma inadiável.

Tal reforma devia se pautar sobre vários aspectos:

- a Igreja se preocuparia com seus assuntos internos, deixando os assuntos políticos-mundanos;
- a purificação do catolicismo de práticas consideradas pagãs, superficiais ou supersticiosas, instituindo um catolicismo com bases tridentinas: sacramentalismo, clericalismo, moralismo e catequese, uma vez que se considerava que a causa desses males fosse a ignorância religiosa.
- o controle de tudo o que fosse considerado religioso, sobretudo, sobre as ordens terceiras, irmandades e confrarias;

Alvorecer do dia 15 de novembro de 1889, as tropas confraternizam. Rapidamente, a ação terminara. Estava feita a República.



virada do século XX

• o incremento, pelos bispos, da vinda de novas ordens religiosas, que, com sua mentalidade, formação europeia, visão de Igreja e métodos de apostolado, intensificassem o processo de 'reuropeização'. Sua chegada, iniciada já no período anterior, suscitou alguns problemas e divergências dentro da própria Igreja;

• seria feita uma rigorosa e apurada formação moral e intelectual para os pretendentes ao sacerdócio.

Assim, segundo Professor Pedro A. Ribeiro de Oliveira, "com essa e outras medidas, os bispos reformadores, criaram as bases para o exercício de sua autoridade religiosa. Com o tempo, foi formado no Brasil um novo clero diocesano separado do 'mundo', isto é, mais dependente do Bispo e da Igreja do que de suas famílias de origem e do poder político local. É sobre esse clero piedoso e moralmente irrepreensível, formado nos seminários rigoristas (a maioria nas mãos dos lazaristas), que vai se assentar a autoridade episcopal" (OLIVEIRA P. A. R., *Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro*, in REB III, 1979, p. 133).

Com a Proclamação da República, a Igreja, vendo-se livre do poder estatal, teve liberdade e condições para fazer o que bem entendesse e para procurar uma maior aproximação com Roma. Porém, como diz L. J. Souza Lima, "enquanto conquistava autonomia em face do Estado, a Igreja estabelecia não só ligações de caráter eclesiástico com a Igreja universal, mas se submetia a ela, instaurando relações que acentuavam nova forma de dependência e que influíram decisivamente no sentido da des-

nacionalização da Igreja brasileira, ou seja, promoveriam sua europeização [...] e depois de 1889, a Igreja brasileira voltava a assumir feições européias" (SOUZA LIMA, L. G., *Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil*, Vozes, Petrópolis 1979, p. 16-17).

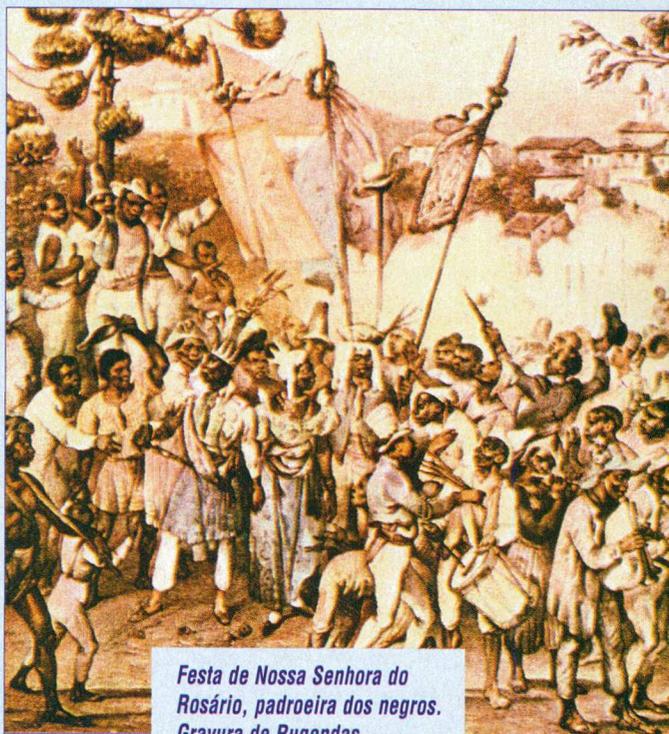
Sobre aquele processo, é muito interessante o estudo feito por P. A. R. OLIVEIRA, com o título *Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro*. Com o objetivo de mostrar que o processo de romanização do catolicismo brasileiro foi, ao mesmo tempo, um processo de destituição religiosa do leigo, o autor faz uma rápida análise da situação da Igreja brasileira.

Segundo o autor, eram estes os objetivos dos bispos reformadores:

- a Igreja devia se preocupar com seus assuntos internos;
- reformar o clero;
- trazer novas ordens religiosas da Europa.

Processo de substituição dos leigos

Então, ao falar de uma reforma e da autoridade do clero sobre os leigos é que ele nos mostra como este processo se realizou, ou seja, como a reforma levou os padres a assumir o poder eclesial, que estava nas mãos dos leigos, por



Festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros. Gravura de Rugendas. Bibl. Mun. São Paulo.

meio das irmandades e confrarias.

Sabemos que faz parte do cenário religioso brasileiro, neste período, a presença das irmandades, confrarias e as lideranças leigas. É claro que em um país imenso, com poucos padres, sendo que muitos se ocupavam de tudo, menos da cura pastoral dos fiéis, os leigos se viam na obrigação, consciente ou inconscientemente, de assumir um papel de relevante liderança nas estruturas eclesiais.

Havia *irmandades e confrarias de misericórdia* que davam assistência a indigentes, doentes e pobres; aquelas de fins devocionais e culturais que prestavam culto ao santo patrono; e existiam ainda, as Ordens Terceiras. Tinham três características fundamentais:

- a direção estava nas mãos dos leigos e o clérigo tinha uma atri-

buição exclusivamente religiosa;

- cada irmandade ou confraria era uma entidade autônoma e isolada;

- das irmandades dependia o brilhantismo das cerimônias religiosas e das festas. O sacerdote tinha a única atribuição de rezar a missa solene e atender aos pedidos de sacramentos.

Existiam, também, pessoas que por dedicação ou vocação, exerciam uma atividade especial: os eremitães e sacristães que recebiam aprovação eclesiástica para reunir o povo para as práticas religiosas, dirigiam o culto e guardavam a capela ou ermida; os beatos, fanáticos, líderes 'não-institucionais' que se dedicavam à vida ascética, viviam de esmolas e faziam penitência e tinham uma grande influência sobre o povo.

Ora, a reforma-restauração, baseada na autoridade do papa e, por extensão, dos bispos e padres, não poderia aceitar este tipo de liderança. Foi-se desvalorizando o catolicismo dos leigos, substituído por um catolicismo romanizado. Os santos tradicionais (Antônio, José, Sebastião, Bárbara, Benedito e denominações marianas portuguesas) foram substituídos por devoções em voga na Europa, de modo especial, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Com isto, as irmandades e confrarias foram desmanteladas, pois sem o culto de seus santos e suas festas, perderam suas funções. Novas associações de leigos foram criadas: Apostolado da Oração, Pia Associação das Filhas de Maria, Liga Católica, Congregação Mariana, Conferências Vicentinas, etc.

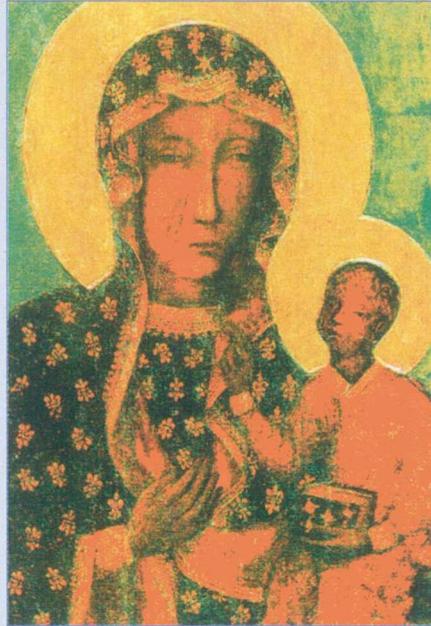


Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

Senhora de Czestochowska

Padroeira da Polônia

Roque Vicente Beraldi



Conta uma lenda que São José construiu uma mesa. Sobre ela, São Lucas pintou um quadro de Maria. Trata-se de uma imagem de Nossa Senhora muito venerada ainda nos dias de hoje. Há historiadores que relatam ter sido essa imagem levada a Jerusalém. Santa Helena a presenteou ao imperador Constantino para adornar uma das salas de seu palácio. No decorrer do tempo, essa pintura ficou esquecida. Encontrada mais tarde, passou por vários proprietários até que, a Mãe de Deus manifestou sua vontade de permanecer na cidade de Czestochowska.

O príncipe Wladislavo, que a possuía, quis levá-la do castelo de Belz, para Olsztyn. Entretanto, os animais atrelados ao carro que iria conduzi-la, não podiam se mexer. Não houve força humana que os movesse do lugar. Porém, assim que a imagem foi retirada do carro para ser

colocada no seu devido trono, os animais voltaram a caminhar!

Este acontecimento chamou a atenção do proprietário que a deixou definitivamente na cidade e também do povo que passou a venerar a imagem.

Na Casa de Nossa Senhora de Loreto, encontra-se uma relação dos objetos que constituíam a mobília nela contida e uma observação que diz: "A mesa da Virgem Maria acha-se na Polônia, na cidade de Czestochowska".

Quando o reformador Jan Huss (1373 – 1415) religioso tcheco, espalhou sua doutrina herética, seus sequazes invadiram o Convento Santuário onde se encontrava o quadro. Entre o que destruíram estava o arquivo. Perderam-se muitos documentos sobre a primitiva história do milagroso quadro de Nossa Senhora de Czestochowska, como o povo começou a chamá-lo. Mesmo sem documentos escritos que possam comprovar a história inicial do quadro, o povo continuava participando de romarias. A Igreja considera o dia 7 de setembro de 1382, como a instalação da milagrosa imagem na montanha de Jasna Gora.

ORAÇÃO

Santa Mãe, Maria, Padroeira da Polônia, fortalece-nos a fé para que, mesmo sob perseguições, dores e sofrimentos, intrepidamente, consigamos professar a doutrina de Cristo, teu filho Jesus, agora e sempre. Amém.

Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.



Dorotéia

2 de setembro - (início do Cristianismo)

ranças romanas para quem a prática religiosa era gesto de adesão e fidelidade aos interesses políticos, de modo especial, a observância do 'culto ao imperador' e a prática dos 'cultos cidadãos'. Após a perseguição do imperador Nero, de 64 até 311, terminaram as hostilidades aos cristãos, com a publicação do Edito de Tolerância.

Este mês, queremos recordar Dorotéia, considerada a santa padroeira das flores e dos jovens, que assumindo a vida cristã, consagraram-se a Deus na vida de oração e de virgindade. Infelizmente, pouco se sabe de sua vida. Nasceu no seio de família cristã de Cesaréia da Capadócia, atual Turquia. Seus pais também entregaram a vida por Jesus e foram martirizados. A jovem Dorotéia, após este fato, orientou sua vida para a virgindade, oração, jejum, serviço ao próximo e testemunho de alegria. Dizem que, além de educada, era muito bela e plena de virtudes sobrenaturais.

Contam que ela foi denunciada por ser cristã, tendo permanecido firme e fiel à sua fé, durante todo o interrogatório e torturas. Percebendo o governador que não se dobraria, sentenciou-a à morte, o que provocou muita alegria em Dorotéia. Muitos lhe fizeram gozações e chacotas. Entre estes, havia um advogado, chamado Teófilo, para quem mandou um len-

ço, momento antes de seu suplício. Mais tarde, converteu-se ao Cristianismo e também foi martirizado. Na arte medieval, foi representada "sentada aos pés da Virgem Maria tendo ao colo o Menino Jesus, numa das mãos um feixe de margaridas, na outra, uma cesta cheia de flores e frutos e com a cabeça coroada de rosas.

Vivemos num mundo de troca de paradigmas e crise de valores. Muitos adolescentes e jovens carecem de modelos e referenciais para terem atitudes corretas, dignas e fiéis aos ensinamentos de Jesus Cristo no tocante ao respeito à vida e ao próximo. Influenciados pelo consumismo, permissivismo, laxismo e falta de Deus, muitos se perdem e vivem desorientados. Neste contexto, a jovem santa Dorotéia pode ser modelo de:

- fé verdadeira e coerente em Jesus Cristo e no seu Reino;
- total dedicação e orientação da vida para os bens espirituais e transcendentes;
- relativização e questionamento das atitudes e opções materiais e secularistas que denigrem a dignidade da pessoa humana;
- fidelidade aos ensinamentos de Jesus Cristo, não obstante as críticas e calúnias;
- testemunho da fé cristã, inclusive, ante a possibilidade de martírio. 🌈

ATENÇÃO

A partir do dia 23 de outubro - dia de Santo Antônio Maria Claret - o novo portal da revista Ave Maria na internet será:

www.avemariainternet.com.br

Nicolau de Tolentino

10 de setembro - (1245-1305)



O século XIII caracterizou-se pela supremacia do poder eclesial. Viu nascer e dar testemunho de vida cristã um dos santos mais simples e pobres da história do Cristianismo. A vida de Nicolau coincidiu com o período em que os papas conseguiram se impor aos interesses dos reis e imperadores e se tornaram os maiores líderes da vida eclesial e política da Europa. Ao mesmo tempo que a Igreja se tornou potência, rica e poderosa, viveu grande crise, pois aquela realidade gerou inúmeros problemas: contra-testemunho da hierarquia, luxúria, riquezas, simonia (compra e venda de sacramentos e de ofícios eclesiásticos), trá-

fico de relíquias, etc. Por outro lado, surgiram movimentos que queriam a reforma e a renovação eclesial. Alguns permaneceram em comunhão eclesial (renovação interna de ordens religiosos; surgimentos de outras novas; homens que pregavam a reforma eclesial e a volta da Igreja aos tempos evangélicos, caracterizados pela vida de pobreza e fidelidade carismática, etc.) Alguns outros, fundamentados no radicalismo, fanatismo, dualismo e com fortes críticas contra o sistema social, romperam com a comunhão eclesial e social fazendo com que surgissem várias heresias medievais, acentuadamente anti-eclesiais e anti-sociais.

Nicolau de Tolentino foi um destes homens que pregavam a reforma eclesial com o seu estilo de vida simples, austero e totalmente voltado para os bens espirituais. Nascido na Itália, em Castelo de Santo Ângelo, numa família cristã, optou pela vida consagrada ao entrar na ordem agostiniana. Inicialmente, viveu como pregador ambulante percorrendo várias cidades até se fixar em Tolentino. Sua vida pobre, austera, foi marcada por jejuns e abstinência, longas horas de oração e contemplação, desapego total dos bens terrenos, grande dedicação de seu tempo

ao atendimento espiritual dos fiéis no confessionário, visitas diárias aos pobres, doentes e infelizes, etc. Fez muitos milagres e "é invocado pelos que sofrem injustiças ou são oprimidos na vida e na liberdade, e como protetor da maternidade e infância, das almas do purgatório, da boa morte e também contra os incêndios e epidemias. (Cf. SGARBOSSA, M. - GIOVANNINI, L. *Um Santo para cada dia*. SP, Paulus, 1983, p.289.

O século XXI é marcado por muitas mudanças, algumas positivas e outras negativas, por luzes e sombras. Existem grandes problemas que afetam a humanidade: consumismo, superficialidade, pragmatismo, relativismo religioso, desrespeito pela vida e pelos direitos humanos, pobreza de muitos e riqueza de poucos, corrupção econômica e política, etc. Diante disto, precisamos de pessoas como São Nicolau de Tolentino, modelo de:

- fé e entrega condicional ao Deus da vida;
- vida de oração e contemplação que se concretizam no serviço ao próximo;
- serviço e dedicação aos pobres, pequenos, enfermos e sofredores;
- caridade e zelo pastoral para com todos os que necessitam e buscam o encontro com Deus.

NA PAZ DO SENHOR

• Em Porto Feliz, SP, **Norbertina Ferreira Branco**, aos 14.03.00, com 90 anos. Foi assinante por 73 anos.



• Em Várzea Paulista, SP, **Maria Martins Machado**, aos 27.12.00, com 86 anos. Foi assinante, durante 47 anos.



• Em Goiânia, GO, **Francisco de Assis Cardoso**, aos 13.04.01, com 70 anos. Foi assinante por mais de 50 anos.



• Em Quirinópolis, GO, **Glicério Izidoro da Silva**, aos 13.04.01, com 59 anos de idade. Foi assinante da revista *Ave Maria* por mais de 50 anos.

• Em Santo Antônio, MG, **Diva Souto Gontijo**, aos 19.04.01, com 81 anos. Foi assinante da Revista *Ave Maria*.

ASSINANTE EM FESTA

• Em Divinópolis, MG, **Maria Anunciação Lara Marquez**, em 27.07.01, comemorou 80 anos. É assinante há mais de 50 anos.

Solidão

Sônia Maria Mannelli

A autora, terapeuta na área de dependência química, escreveu vários artigos, nesta seção, sobre alcoolismo. Nesta edição, contamos um pouco de sua experiência como orientadora do grupo "One again" (Uma outra vez), que reúne viúvos (as), divorciados (as) e casais em crise.

Quando você sofre uma perda devido à separação pela viuvez ou pelo divórcio, o que sente? Medo, insegurança? Uma série de indagações vêm à mente: não há mais quem cuide de você, nem preencha suas necessidades emocionais. Falta alguém com quem ria, possa confiar e compartilhar seus segredos.

A partir daí, parece que ninguém mais poderá substituir a quem se foi. Perdeu-se alguém que era nossa extensão, homem ou mulher, e que considerávamos nosso (a) melhor amigo (a).

Lembramos de que era alguém que nos queria bem, não obstante nossos defeitos. Sentimos a decepção de, na verdade, nunca haveremos tido a chance de explicar nossos verdadeiros sentimentos. De repente, não mais compartilhamos das atividades, um do outro, pessoas, lugares e coisas. Até parte de nossa vida física fica fora de controle, tal como o sono, alimentação, falta de concentração e perda do domínio de nossas emoções.

Nos primeiros momentos, ficamos em choque, segue-se o pânico e, mais tarde, vem a depressão. Pode-se até somatizar. Existem pessoas que passam a sofrer de problemas cardíacos ou de outras complicações físicas. Associam-se o sentimento de culpa, a



Foto: Eduardo Russo

repressão, o ressentimento e, finalmente, a aceitação.

O processo dessas fases pode estender-se até por quatro, cinco anos, ou mais, dependendo de como cada pessoa lidar com a esperança de que aquele momento doloroso terá fim.

A raiva é uma emoção que geralmente acompanha o indivíduo que, de repente se vê sozinho. Com frequência, porém, após passar pelos vários estágios, atinge a reabilitação.

Felizmente, muitas pessoas contam com a ajuda de familiares, que oferecem apoio. Outros contam com amigos que demonstram proteção. Outros, enfim, não têm quem os socorra.

Daí, a necessidade de essas pessoas, emocionalmente abaladas, buscarem ajuda, no sentido de entender a perda. É preciso tempo para libertar-se das emoções negativas.

ONE AGAIN é um grupo terapêutico gratuito com a finalidade de "sarrar a alma" de homens e mulheres que, recentemente, ou não, passaram pela difícil e consternante situação da perda de um ente querido (marido ou esposa). Lá, poderão vir a encontrar alívio, na amizade, carinho de outros que conseguiram fazer esta travessia e seguir com serenidade o caminho de seus destinos, sobrepondo-se aos sentimentos, emoções conflitantes e, sobretudo, à solidão.

O programa específico, empreendido pelo grupo de apoio, dentro de orientação cristã, demonstra que não estamos sós e que há formas de deixar o passado de perda para trás e voltar à vida. Lembra, sobretudo, que o amor de Deus é incondicional e que é a força criadora do universo.

O grupo terapêutico também acolhe "casais em crise conjugal". Às vezes, o propósito de uma vida a dois está sendo abalado pela perspectiva do desmoronamento do lar. O casal desorientado abriga sentimentos de frustração e ansiedade e antevê como única solução a separação. Em tais ocasiões, conversar a respeito com outros casais é, na maioria das vezes, uma atitude salutar. 

ONE AGAIN - Reunião, todos os sábados, às 17 horas. Grupo terapêutico da Pastoral da Família, da Igreja N. Sra. do Perpétuo Socorro, Jardim Paulistano. Reuniões específicas para viúvos (as), divorciados (as) e casais em crise". Tel.: (11) 5528-0602, São Paulo, SP. Caixa Postal 64596, Cep: 05402-970, São Paulo, SP.

Sônia Mannelli é terapeuta, trabalha na área de dependência química. Tel.: (0__11) 5528-1845.

Concreto e simbólico unindo-se na realidade

Wimer Botura Jr.

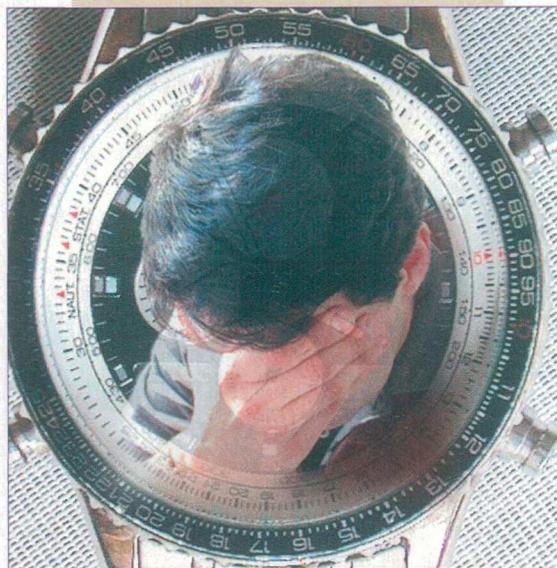
Vamos conferir o concreto e o simbólico, unindo-se na realidade, com uma situação aparentemente banal:

Mário é um homem que acredita na pontualidade como um símbolo, uma maneira de mostrar o interesse por alguém. Um dia, numa reunião, conheceu Ana, que acredita na aparência bem-arrumada e perfumada como um símbolo, uma outra maneira de mostrar o interesse por alguém. Marcaram um encontro pelo telefone, para as nove horas da noite de uma quinta-feira, para poderem se conhecer melhor.

Mário teve muito trabalho para chegar no horário, ser pontual. Foi um dia intenso no escritório, saiu atrasado de lá e preferiu ir direto ao local marcado, sem mesmo poder passar em casa, tomar um banho e vestir uma roupa especial. Antes de sair do trabalho, ainda deu uma lavada no rosto, tomou um "banho de gato", passou um perfume e saiu correndo para não deixar Ana esperando.

Ana tirou folga, na tarde de quinta. Foi ao cabeleireiro, mudou de penteado três vezes, aparou os cabelos, produziu um novo visual para agradar a Mário. Chegou em casa

para se arrumar já meio em cima da hora, viu o vestido que mandara a empregada passar, achou que não combinava com o novo corte de cabelo e foi providenciar um outro, detalhes que a atrasaram mais um pouco. Enfim, depois de muita preparação, conseguiu chegar ao encontro somente às dez horas da noite.



Mário ficou muito aborrecido com a espera, suou demais, de medo e de raiva, imaginou mil coisas e ainda foi um pouco frio, quando Ana chegou. Ana chegou toda maravilhosa e acabou não recebendo o elogio que esperara de Mário, achando-o até grosso e mal-arrumado para o encontro.

Mário achou que Ana não passa-

va de uma dondoca chata e vazia. Ana achou que Mário não passava de um neurótico desleixado.

O relacionamento acabou, antes mesmo de começar.

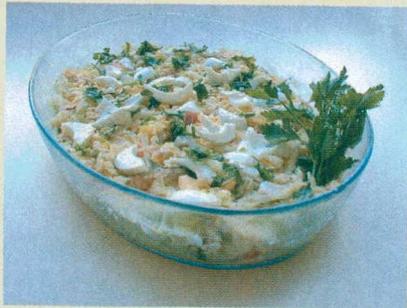
É evidente, neste caso, que ambos queriam agradar e mostrar o interesse pelo outro, mas ficaram restritos aos seus símbolos, não perceberam que havia uma realidade em torno. Mário e Ana serão vítimas de seus símbolos até examinarem o quanto estes limitam suas ações e seus mundos.

A nossa sociedade é repleta de símbolos, o que não quer dizer que o significado deles seja atingido na realidade. O casamento, por exemplo, é símbolo social de amor e de sucesso, mas, na maioria das vezes, não cumpre seu significado, muito pelo contrário. Vemos casais infelizes e frustrados, tentando manter somente as aparências a qualquer preço, longe de qualquer manifestação de felicidade e amor. O carro do ano, a casa em determinado bairro, a roupa tal, o diploma da escola da moda podem ser símbolos vazios, sem nenhum conteúdo afirmativo que os valorize. Portanto, é fundamental que possamos, além do simbólico, atingir a essência, com todo o cuidado, é claro, para não pisar nos símbolos sem medir sua extensão.

O fato de respeitarmos os símbolos não significa obrigatoriamente que respeitamos as pessoas, assim como, se alguém desrespeitar um símbolo, não significa obrigatoriamente que ele está desrespeitando a pessoa. Sermos portadores dos símbolos da felicidade não significa que sejamos felizes, pois é preciso sermos, antes de tudo, para simbolizarmos com certeza. (Continua)

Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro A paternidade faz a diferença, Ed. Gente.

ENTRADA SALADA DE REPOLHO COM MAÇÃ



Ingredientes

- 2 xícara/chá de repolho, cortado em tiras
- 2 maçãs ácidas picadas
- 1 pimentão vermelho picado em tirinhas
- 3 ovos cozidos duros
- 1/2 colher/chá de sal
- 1 colher/sopa de açúcar
- 1 colher/chá de mostarda
- 1 colher/sopa de margarina derretida
- 3 colheres/sopa de suco de limão
- 1/2 xícara/chá de creme de leite sem o soro
- Salsinha para decorar.

Modo de preparar

1. Coloque o repolho em uma panela com água fervente. Deixe levantar fervura novamente e escorra bem.
2. Coloque em uma vasilha e misture com a maçã e o pimentão. Passe as gemas cozidas por peneira ou amasse-as bem. Acrescente o sal, o açúcar, a mostarda e a margarina derretida. Misture bem, acrescente o limão e mexa. Junte o creme de leite, misture com a salada e enfeite com as claras dos ovos e salsinha.

PRATO PRINCIPAL POLENTA COM COSTELINHA E QUIABO



Ingredientes

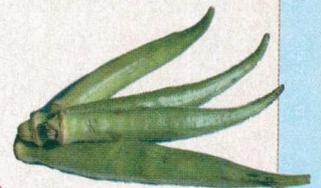
- 2 quilos de costelinhas de porco
- 4 dentes de alho amassados
- Sal e pimenta a gosto
- 1/4 de xícara/chá de óleo
- 800 g de quiabo cortado em rodelas de 1 cm
- 1 receita básica de polenta

Modo de preparar

1. Numa panela, coloque as costelinhas, o alho, 2 xícaras/chá de água, sal e pimenta. Cozinhe por cerca de 1 hora, em fogo baixo com a panela tampada, até a carne ficar macia. Quando a água secar, doure os pedaços de costelas de todos os lados. Retire-os da panela e reserve.
2. Acrescente à panela o óleo e o quiabo. Refogue até ficar macio. Junte a carne e mais 2 xícaras/chá de água. Tampe e cozinhe por 4 minutos. Tempere a gosto.
3. Prepare a polenta e espalhe em um pirex retangular. Distribua a carne com o quiabo sobre a polenta. Sirva quente.

Receita básica de polenta

- 7 xícaras/chá de água
- 2 xícaras/chá de fubá
- Sal a gosto



Modo de preparar a polenta

1. Leve a água ao fogo até começar a ferver, sempre mexendo, junte o fubá, aos poucos, e tempere com sal. Deixe o fogo baixo e mexa até engrossar e soltar do fundo da panela.



SOBREMESA FLAN DE COCO

Ingredientes

- 1 lata de leite condensado
- 1 vidro de leite de coco
- 1 envelope de gelatina branca em pó sem sabor.

Modo de preparar

1. Misture o leite condensado com igual quantidade de água. Adicione o leite de coco e bata no liquidificador. Adicione a gelatina dissolvida conforme instrução da embalagem e misture bem.
2. Despeje numa fôrma de pudim caramelizada e leve à geladeira, no mínimo, por 4 horas. Desenforme na hora de servir.



Jubilosa Espera

SALMO 26 (27)

1 *De Davi.*

I

- O Senhor é minha luz e minha salvação – de quem terei medo?
O Senhor é a defesa da minha vida – quem me fará tremer?
- 2 Quando malvados me atacam para me devorar vivo,
são eles, meus adversários e inimigos, que resvalam e caem.
- 3 Pode um exército se acampar contra mim – não tenho medo!
Podem declarar guerra contra mim – estou tranqüilo!
- 4 Uma coisa peço ao Senhor e incessantemente procuro:
viver na casa do Senhor a vida inteira,
admirando a beleza do Senhor e meditando em seu santuário.
- 5 Nos momentos de perigo ele me ocultará em sua tenda,
ele me protegerá bem escondido em seu templo.
No alto da rocha ele me porá a salvo,
- 6 e assim me levanto cabeça erguida acima dos inimigos que me cercam.
Por isto, com alegria venho oferecer sacrifícios no seu templo:
Quero cantar, quero entoar salmos ao Senhor!

II

- 7 Senhor, eu clamo! Escutai a minha voz.
Por misericórdia, respondi-me!
- 8 Meu coração vos fala. Minha face vos procura.
Eu procuro vossa Face, Senhor.
- 9 Não desvieis de mim vossa Face!
Não afasteis com desgosto o vosso servo!
Vós sois o meu amparo – não me deixeis!
Não me abandoneis, ó Deus, meu salvador!
- 10 Ainda quando meus pais me enjeitassem, o Senhor me acolherá.
- 11 Mostrai-me, Senhor, vosso caminho.
Guiai-me pela vereda segura, devido aos meus atentos adversários.
- 12 Não me abandoneis à sanha dos meus caluniadores:
contra mim se levantam testemunhas falsas e rancorosas.
- 13 Ah! Tenho certeza de que hei de ver
a bondade do Senhor na terra dos vivos!
- 14 Espera o Senhor – sê forte! Não desanimes: espera o Senhor!

COMENTANDO

Salmo sob medida para as pessoas mais intimamente devotadas à causa de Deus: sacerdotes, religiosos e religiosas de votos canônicos, auxiliares do altar, grupos de oração, intercessores, etc.

Por traduzir confiança triunfal na primeira parte (1-6) e súplica individual intensa na parte final (7-14), o salmo cai igualmente bem no cemitério, nas missas de réquiem, no velório, junto ao corpo de alguém que Deus acaba de chamar deste mundo tenebroso para a vida-luz eterna. Seria como se o finado mesmo o estivesse rezando... Confiança no presente, esperança no futuro.

Contra numerosos motivos de medo, incontáveis motivos de confiança em Deus. Ainda que me cerque todo um acampamento e me assalte todo um exército, ainda que meus pais e melhores amigos me abandonem e chovam contra mim falsos testemunhos, eu continuo confiando firmemente no Senhor!

Alguém injustamente acusado procura asilo no Templo e segurança em Deus. – Que bom, se as pessoas pudessem reservar um tempo para entrarem numa igreja, numa igrejazinha, numa capela, e se recolherem em serena meditação e prece ao bom Deus! “Um tempo para o templo”. A vida seria outra.

Nas tentações, contradições e fracassos da vida, quando o peso acabrunha, quando o tédio invade, digamos ao nosso coração as palavras dos dois versos finais do salmo, que representam autêntica profissão de fé e esperança. É por este

anção em Deus



motivo que este salmo está presente no sábado santo. Não é difícil imaginar Jesus – contra quem se haviam levantado testemunhas falsas e violentas (verso 12) – agora sepultado e no escuro, aguardando o momento da luz da ressurreição... Aconteceu para ele, fiel ao Pai, e acontecerá para nós, fiéis a Ele. Um dia veremos a luz.

4 Diversos Salmos exprimem amor à Casa de Deus: 25(26),8; 41(42),3; 60(61),5; 61(62),3; o início do salmo 82(83); etc. Nada no mundo se compara a ver a Face de Deus. Em meio a tantas lutas, provações, altos e baixos e tentações, o caminho é a casa de Deus. Não adianta se basear unicamente nos valores humanos. Só está contente pra valer, quem está com Deus efetivamente e afetivamente. Mas, convém pensar que “casa de Deus” não é só o templo material: cada ser humano é casa de Deus. Cada alma batizada é um santuário místico.

5 Ser colocado sobre uma rocha denota máxima proteção. Logo vem à mente que a santa Igreja está edificada na rocha, que Pedro é pedra, que Cristo Jesus é a pedra angular, fundamental, de sustentação. Este versículo diz: O Senhor me dará abrigo em sua tenda. Jesus disse, mais ou menos assim: Confiai! A casa de meu Pai tem muito espaço, muitas moradas (João 14,2). Espiritualmente se pode pensar no Sacrário e no próprio Coração de Jesus.

Sacrário, se diz assim, porque ali está o **sagrado** corpo de Jesus Cristo, Deus! A gente diz também **Tabernáculo**, que é diminutivo de taberna. **Taberna**, por sua vez, significa compartimento ou recipiente rústico, feito de madeira, como barraca, tenda, cabana, choupana. A **taba** dos índios. A forma normal. é *taba*, o diminutivo é *tábua, tabela...*. Quando a bíblia chama de *tenda* o Templo, é porque está recordando o passado, o tempo da Arca da Aliança, que lembra os andores, que fazem hoje em dia. É estilo arcaizante e poético chamar de **tenda** o templo, onde reside Deus, senhor do universo.

6 As cerimônias de ação de graças, na Antigüidade, não eram tão silenciosas como hoje em dia muita gente quer. Eram acompanhadas de cantos de alegria, de gritos, de aclamações, como se nota em outros salmos, como 32(33),3.

9 É terrível Deus “virar o rosto” (por assim dizer), em sinal de desaprovação. Imagine só, no juízo final, Deus sentenciando: Afastai-vos de Mim!, e virando o rosto, para sempre! Ai, ai, ai! – faça tudo nesta vida, para não acontecer tamanha e tão amedrontadora desgraça.

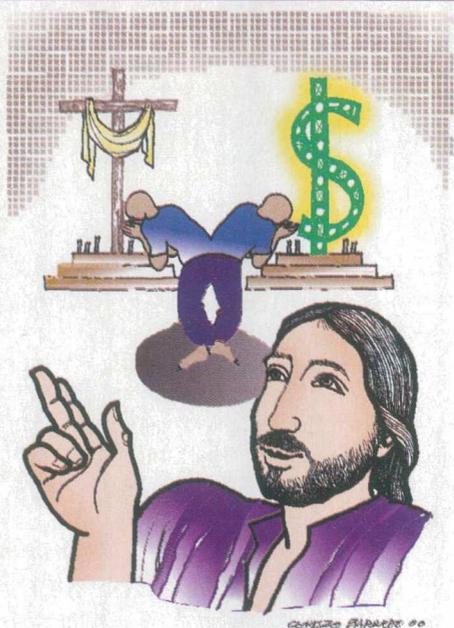
10 Deus tem particular carinho pelos órfãos, pelos humildes, pobres, desprezados, abandonados. Deus é pai. Deus é mãe. Deus é tudo. Não falha. Os humanos, sim, quantas vezes não falham! Os fracos são fortes em Deus.

11 Em diversas ocasiões, o orante pede a Deus a graça de seguir o bom caminho, não se desviar do caminho reto. Até para calar a boca dos inimigos. O que mais importa nesta vida é acertar o bom caminho. Pedir ao Santo Espírito de Deus nos iluminar e guiar.

13 Viva confiança de obter de Deus uma vida feliz, aqui em baixo, na “terra prometida”. O Antigo Testamento fala deste mundo, como único lugar em que se vive realmente [Salmo 38(39),14; sobretudo Jó 7,21 e 10,21!] e o único em que se pode testemunhar a bondade de Deus [Salmo 51(52),7; 114 (116),9; Isaías 38,11; Jó 28,13]. Depois desta vida, é o Cheol, apenas sombra de existência. Mas, para nós, da era cristã, é razoável e mais que justo pensar no céu, um dia. Esta transposição cristã nos leva para bem longe...Se o pensamento antigo era bem rudimentar e imperfeito, Jesus veio precisamente para aperfeiçoar a doutrina (Mateus 5,17), para abrir horizontes e mostrar o caminho.

14 Grito de esperança – (como no salmo 36(37),34 – , que está no coração, na garganta, de todos os sofredores – aliás, de todos os viventes) . No último colóquio com os amigos, às vésperas do martírio, Jesus disse **CORAGEM! EU VENCI O MUNDO!** No último capítulo do último livro da Bíblia, nós pedimos **VEM, SENHOR JESUS!** E em cada oração eucarística, o povo de Deus pede: **VINDE SENHOR JESUS!** 

José Fonzar é missionário claretiano — fonton@sercomtel.com.br



Conquistar a riqueza verdadeira

25.º domingo do Tempo Comum
23 de setembro de 2001

INTRODUÇÃO

Quando damos uma esmola ao pobre da esquina, achamos, às vezes, que estamos quites com o problema da pobreza e serenamos nossa consciência. Mas a caridade que Cristo exige de nós vai muito mais além de uma ajuda momentânea. Compromete-nos com a justiça!

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Am 8,4-7

Alição fundamental da liturgia deste domingo, um pouco em cada leitura e no evangelho, é a conquista da fraternidade com os bens que possuímos. Isso vale para um empresário que, anonimamente, ajuda, por exemplo, uma creche de crianças pobres, como para um mendigo que reparte sua coberta com outro companheiro que passa frio.

Nesta primeira leitura, consideram-

se os ricos comerciantes, que obedeciam, escrupulosamente, ao repouso do sábado, no qual era proibido o comércio, mas aproveitavam aquele descanso para planejar como enganar os pobres e fraudá-los nas mercadorias ou nos preços. Há uma falsa religião que os profetas nunca cessaram de denunciar: a religião dos que julgam ter a consciência em dia sem muito esforço, cumprindo ritos e práticas exteriores de culto. Muitas vezes é uma aparência de religiosidade que serve para encobrir a exploração dos pobres.

Acolher o anúncio do reino é, para todos nós, ricos ou pobres, transformar nossos bens, de objeto de posse, em meio de amizade e comunhão, não faltando com a justiça.

2.ª leitura 1Tm 2,1-8

Paulo defende a mesma idéia, ao exortar os cristãos da comunidade de Timóteo: *Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando as mãos puras, superando todo o ódio e ressentimento.*

Como autênticos cristãos, não podemos rezar com mãos impuras, quer dizer, com atitudes que tenham prejudicado os irmãos. Nesta categoria, estão, inicialmente, aqueles que vivem mais próximos de nós, com os quais convivemos todos os dias, em casa e em nosso trabalho. Em seguida, note-se o teor universal, recomendado por Paulo a ser impresso às nossas orações. Devem ser universais. Dirigidas a Deus pelos bons e pelos maus, pelos amigos e inimigos. Dessa forma, não faremos distinções fundadas na raça, na origem, na nacionalidade, na posição social, na inteligência e na riqueza.

Deixaremos, assim, surgir em nosso coração os sentimentos do Pai que está nos céus, o qual deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade.

Evangelho Lc 16,1-3

A frase que resume todo o ensinamento da parábola é: *granjeai amigos com a riqueza injusta, para que, no dia em que ela vos faltar, eles vos recebam nos tabernáculos eternos.*

Jesus classifica a riqueza de “injusta”. Como lemos, não é a condenação dos bens deste mundo, não é um convite para nos livrarmos deles como se fossem um objeto impuro. Jesus ensina o caminho para transformar a riqueza “injusta” em uma riqueza boa.

O administrador da parábola sabia que o dinheiro podia se desvalorizar e então decidiu apostar tudo nos amigos. É esta a escolha prudente que Jesus nos aconselha a fazer, porque as pessoas que tivermos beneficiado estarão sempre ao nosso lado e testemunharão a nosso favor, quando o dinheiro não tiver mais valor algum.

O que Jesus nos quer explicar é que a única maneira “esperta” de utilizar os bens deste mundo é colocando-os a serviço dos outros, para fazer deles nossos amigos. Serão eles que nos acolherão na vida eterna.

O “pouco”, a “riqueza desonesta”, a “riqueza dos outros” indicam os bens deste mundo. Não devemos considerar como riqueza o que não podemos levar conosco, pois o que somos obrigados a deixar neste mundo não nos pertence, mas é dos outros!

REFLEXÃO

Contentamos-nos com a prática externa da religião? Exploramos quem está ao nosso serviço? Apegamo-nos aos bens que possuímos, esquecidos de que não são nossos, mas dos outros? Como administramos, hoje, os bens do Senhor? Como usamos, por exemplo, a inteligência e outros dons que ele nos deu, gratuitamente? ■



Somos todos iguais!

26º domingo do Tempo Comum
30 de setembro de 2001

INTRODUÇÃO

O evangelho é apelo à conversão radical para todos, pobres e ricos, conversão a ser feita imediatamente. Há pobres com coração de “rico”, cheios de orgulho, como há ricos com coração de “pobre” desprendidos e desapegados.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Am 6,1a.4-7

Ricos, para Cristo, não são necessariamente os que têm muito dinheiro. Nem tampouco são pobres os que nada têm. Para ele, distinguir riqueza e pobreza apenas pela quantidade dos bens possuídos seria demasiada limitação.

A riqueza condenada por Deus é a do egoísmo de coração. Dos que só pensam em si. Exemplo disso era o que acontecia no tempo de Amós. Os trabalhadores braçais passavam os dias labutando nos campos dos latifundiários, sob o sol que queimava seus rostos. Voltavam às suas casas à noite,

esgotados pela cansaço, enquanto os chefes desvairados de Samaria passavam o tempo em banquetes, em diversões e em festas. A denúncia do profeta Amós não era pelos banquetes e festas em si, mas pelos desmandos e pelas orgias de quem acumulava fortunas por meio de opressões e rapinas.

Não é verdade que, para satisfazeremos nossos pequenos ou grandes caprichos ou vícios, às vezes submetemos a privações a família, a (o) esposa (o), os filhos? Com os mais fracos do que nós, na prática, comportamo-nos como os despudorados ricos de Samaria que oprimiam os pobres da própria terra?

2.ª leitura 1Tm 6,11-16

Paulo condena aqueles que só vêm na piedade uma fonte de lucro. E acrescenta que, sem dúvida, a piedade é grande fonte de lucro, porém, quando acompanhada do espírito de desprendimento. Porque nada trouxemos ao mundo, como tampouco nada poderemos levar dele.

Portanto, tendo alimento e vestuário, devemos nos contentar com isso. Com base em sua experiência de apóstolo, previne que aqueles que ambicionam tornar-se ricos caem em muitos desejos insensatos e nocivos, que os precipitam no abismo da ruína e da perdição. Porque a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro. E constata: apossados pela cobiça, alguns se desviaram da fé e se enredaram em muitas aflições.

Nosso trecho de hoje começa deste ponto. Dirigindo-se diretamente a Teófilo, sublinha: *Mas tu, ó homem de Deus, foge desses vícios e procura com todo empenho a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão.* Todavia, a leitura dos versículos anteriores, já meditados acima, ajuda-nos a esclarecer esta conclusão da carta de Paulo, endereçada a seu discípulo.

Evangelho Lc 16,19-31

O evangelho nos diz que Deus permanece com os pobres e com os mais humildes. Para ele, estes têm um nome. São seus amigos aqueles que, aos olhos do mundo, são insignificantes, desprezados ou esquecidos.

Jesus conta que o rico foi condenado, não porque fosse malvado, mas simplesmente porque era rico de coração. Isolava-se no seu mundo e não aceitava o ideal da partilha dos bens com os que passavam necessidade.

Jesus nos ensina que o fato de existir, neste mundo, duas categorias de pessoas, os ricos e os pobres, é contra o plano de Deus. Os bens foram dados para todos e quem tem mais deve dividi-los com quem tem menos ou com quem não tem nada. Então, antes que alguém possa permitir-se luxos, é preciso que todos tenham tido condições de satisfazer as suas necessidades mais elementares.

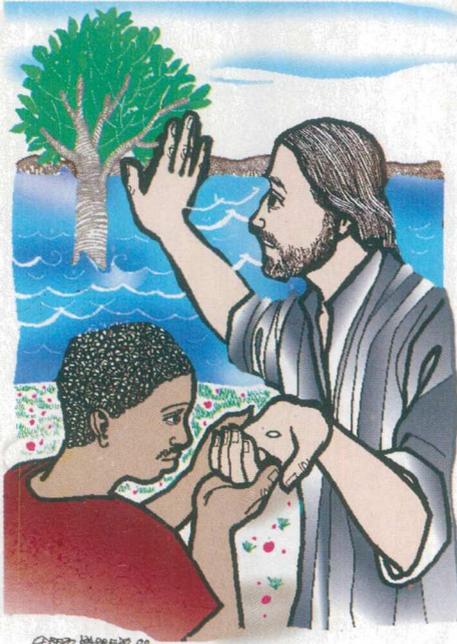
A economia do mundo de hoje não está estruturada segundo o projeto de Deus: 80% dos recursos são consumidos por 25% da população. Pode um cristão aceitar essa situação?

Se continuarmos com um coração egoísta, se não tivermos a disposição para partilhar o pouco que temos com quem é mais pobre, jamais conseguiremos construir aquele mundo novo no qual não haverá ricos e pobres disputando avidamente os bens entre si, mas irmãos que partilham dons do Pai.

REFLEXÃO

Cultivamos nos nossos corações a aversão que Deus tem pelas injustiças e pelas desigualdades?

É com opressões e sem direito a diálogo que, muitas vezes, tratamos nosso esposo, nossa esposa, os filhos, os empregados, ou nossos irmãos dentro da comunidade? ■



Crer é dar-se a Deus

27.º domingo do Tempo Comum
7 de outubro de 2001

INTRODUÇÃO

Responder prontamente “sim” ao chamado de Deus, que derruba nossos planos, dispostos a dar-lhe tudo, desprezando todo cálculo humano é ter fé.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Hab 1,2-3; 2,2-4

Deus parece ausente da história dos hebreus. Diante do profeta Habacuc que lhe pergunta por que a opressão e a injustiça que invadem a sociedade, Deus responde que a fé é o único caminho para compreender o mistério da história.

O que importa é permanecer firmemente apoiado nele e crer no seu amor, apesar de todas as aparências contrárias, porque sua palavra não nos pode enganar. Somos tentados, às vezes, a achar que nossas orações não servem para nada. De que adianta recorrermos a Deus se ele nunca faz aquilo que nós lhe pedimos? — perguntamos.

A oração não provoca mudanças em Deus, mas permite que descubramos nossa pobreza, nossos limites. Sobretudo, transmite-nos uma inabalável certeza: a fidelidade de Deus. Embora não estejamos em condições de entender, de ver, de verificar os caminhos da salvação que desejamos e lhe pedimos, temos a certeza de que ele está executando o seu projeto.

2.ª leitura 2Tm 1,6-8.13-14

No Novo Testamento, o objeto da fé atinge a plenitude: o Filho de Deus se manifesta e seu reino é constituído. Mas a atitude pessoal continua a mesma; uma decisão da vontade que ama, move a inteligência a superar os cálculos humanos para nos entregarmos a Deus com toda a fidelidade. Essa entrega se esclarece pela meditação da Palavra.

Mas, freqüentemente, ao ouvirmos uma página do evangelho, percebemos que ainda não a tínhamos entendido, embora a tivéssemos lido muitas vezes. Temos que admitir que a nossa fé ainda é muito imperfeita e ingênua. Precisamos amadurecer e crescer.

Paulo recomenda a Timóteo, e a nós, que reavivemos o dom da fé, que nos foi dado pelo Espírito. As novas explicações do Evangelho que o tornam mais compreensível e mais próximo dos problemas da nossa vida não podem ser ignoradas. Não constituem infidelidade à tradição as novas formas litúrgicas, os novos textos da catequese, a organização mais atualizada da vida das comunidades.

A fé cristã é sempre a mesma, não se pode mudar uma só palavra da Escritura. Entretanto, a nossa compreensão da mensagem de Jesus está bem longe de ser perfeita. É também conhecimento novo ler a realidade com o olhar de Cristo. Portanto, para nós, também serve o pedido formulado pelos discípulos: *Senhor, aumentai a nossa fé!*

Evangelho Lc 17,5-10

Os apóstolos pedem ao Senhor que lhes conceda mais firmeza na decisão de segui-lo. E nós com eles.

O motivo pelo qual lhe dirigimos esta súplica aparece claramente no contexto. Jesus nos assinala uma caminhada difícil: pede para que nos empenhemos para entrar pela porta estreita; para que estejamos dispostos a deixar pai e mãe; para que renunciemos a todos os próprios bens; e, para que perdoemos sem limites e sem condições. Como seria possível não sentirmos medo diante de tais exigências?

Neste ponto é necessário esclarecer um equívoco que surge, quando as imagens usadas por Jesus são mal interpretadas. Elas não são uma chave para nos servirmos da fé para obrigar Deus a satisfazer nossos desejos e caprichos. A fé não desloca nenhum objeto material! Mas consegue resolver situações que todos julgam definitivamente comprometidas.

Cultivamos, por exemplo, preconceitos que nos conduzem a considerar os outros como inimigos, dos quais nos devemos defender; preconceitos que nos impedem de dialogar com eles e nos fecham as portas da compreensão.

Alguns destacam a fé e a caridade como o que nos caracteriza como cristãos, mas poucos se lembram da esperança, dos que têm a certeza de que o reino de Deus virá. Quem duvida que a fé conseguirá remover todas as “montanhas” e desarraigar todas as “amo-reiras” não é cristão!

REFLEXÃO

Alimentamos nossa fé pelo alimento da meditação da palavra de Deus? Entendemos que não devemos desprezar as boas obras, mas reconhecer que também elas são um dom gratuito de Deus? ■

Leituras litúrgicas das missas da semana – mês de outubro



26.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

1.^o - segunda: Zc 8,1-8 = Deus deseja a salvação de seu povo. Sl 101. Lc 9,46-50 = Ser como crianças...

2 - terça: *Santos Anjos da Guarda.* Ex 23,20-23 = Envio o meu anjo diante de ti. Sl 90. Mt 18,1-5.10 = Os seus anjos nos céus vêem continuamente a face de meu Pai.

3 - quarta: Ne 2,1-8 = Neemias restaura Jerusalém. Sl 136.

Lc 9,57-62 = Deixar tudo para seguir Jesus: três casos de vocação.

4 - quinta: Ne 8,1-4a.5-6.7b-12 = Leitura solene da Lei pelo sacerdote Esdras. Sl 18. Lc 10,1-12 = Missão dos 72 discípulos; instruções.

5 - sexta: Br 1,15-22 = Oração dos exilados. Sl 78. Lc 10,13-16 = Ai de vós, Corazaim, Betsaida, Cafarnaum.

6 - sábado: Br 4,5-12.27-29 = Aquele que vos feriu há de consolar-vos. Sl 68. Lc 10,17-24 = Volta de missão bem-sucedida.

27.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

8 - segunda: Jn 1,1—2,11 = Jonas tenta fugir da missão que Deus lhe confiara. Cânt.: Jn 2,2-8. Lc 10,25-37 = Parábola do bom samaritano, o verdadeiro próximo.

9 - terça: Jn 3,1-10 = Nínive inteira se converte a Deus. Sl 129. Lc 10,38-42 = Jesus em casa de Marta e Maria.

10 - quarta: Jn 4,1-11 = Deus recrimina a impaciência de Jonas. Sl 85. Lc 11,1-4 = Assim deveis orar: Pai nosso...

11 - quinta: Mt 3,13-20a = A grande diferença entre obedecer e

não obedecer a Deus. Sl 1. Lc 11,5-13 = Oração persistente e sua eficácia.

12 - sexta: *Nossa Senhora da Conceição Aparecida.* Est 5,1b-2; 7,2b-3 = Salva o meu povo, eis o meu desejo. Sl 44. Jo 2,1-11 = Que temos nós com isso, mulher?

13 - sábado: Jl 4,12-21 = Julgamento das nações hostis e restauração de Jerusalém. Sl 96. Lc 11,27-28 = Ditoso o ventre que te trouxe! Ditosos os que ouvem a palavra!



28.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

15 - segunda: Rm 1,1-7 = Paulo, servo de Jesus Cristo, para anunciar o Evangelho. Sl 97. Lc 11,29-32 = O "sinal" de Jonas.

16 - terça: Rm 1,16-25 = Culpa dos gentios por não reconhecerem a existência de Deus. Sl 18. Lc 11,37-41 = Limpar o interior, não apenas a aparência.

17 - quarta: Rm 2,1-11 = Culpabilidade dos judeus por não se converterem. Sl 61. Lc 11,42-46 = Blasfêmia dos fariseus. Censura aos

fariseus e aos doutores da Lei. Jesus recusa um prodígio.

18 - quinta: *São Lucas Evangelista.* 2Tm 4,10-17b = Somente Lucas está comigo. Sl 144. Lc 10,1-9 = A colheita é grande, mas os operários são poucos.

19 - sexta: Rm 4,1-8 = Abraão justificado pela fé. Sl 31. Lc 12,1-7 = Temer somente a Deus.

20 - sábado: Rm 4,13.16-18 = Herdeiros de Abraão pela fé. Sl 104. Lc 12,8-12 = Diversas instruções de Jesus.

29.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

22 - segunda: Rm 4,20-25 = Fé do patriarca Abraão e fé cristã. Cânt.: Lc 1,69-75. Lc 12,13-21 = Parábola do homem rico.

23 - terça: Rm 5,12.15b.17-19.20b-21 = Morte em Adão e vida em Jesus Cristo. Sl 39. Lc 12,35-38 = Necessidade de vigília: de avental e luz acesa.

24 - quarta: Rm 6,12-18 = O cristão, livre do pecado para servir a Deus. Sl 123. Lc 12,39-48 = Vigília: administrador fiel e administrador malvado.

25 - quinta: Rm 6,19-23 = Libertados do pecado para servir a Deus. Sl 1,1-6. Lc 12,49-53 = Vim trazer à terra fogo, separação, divisão.

26 - sexta: Rm 7,18-25a = Conflito interior: impotência da Lei diante do pecado. Sl 118. Lc 12,54-59 = Discernir os sinais dos tempos; reconciliação.

27 - sábado: Rm 8,1-11 = O Espírito, que ressuscitou Jesus, habita em nós. Sl 23. Lc 13,1-9 = As desgraças nem sempre são castigo; a figueira estéril.



30.^a SEMANA DO TEMPO COMUM

29 - segunda: Rm 8,12-17 = O Espírito Santo dá testemunho de que somos filhos de Deus. Sl 67. Lc 13,10-

17 = Cura de uma mulher encurvada (em dia de sábado).

30 - terça: Rm 8,18-25 = Esperança dos filhos de Deus. Sl 125. Lc 13,18-21 = O grão de mostarda e o fermento.

31 - quarta: Rm 8,26-30 = Ação do Espírito em nós; predestinação. Sl 12. Lc 13,22-30 = Número dos escolhidos; porta estreita.

Comunicamos aos nossos assinantes, que a autora desta seção, Norma Termignoni, faleceu no 21/07/2001. Na próxima edição faremos uma homenagem especial a ela, pelo tanto que ela contribuiu conosco. Ainda teremos a graça de contar com seu trabalho por dois ou três números. Nosso profundo sentimento.

1ª Carta aos Tessalonicenses

Autor: São Paulo. Lugar: Corinto. Data: 51-52. Destinatário: cristãos de Tessalônica. O ponto principal do escrito é a segunda vinda de Jesus, da qual não sabemos "o dia nem a hora" e por isso devemos estar sempre preparados na união com Cristo. As cartas dos apóstolos visam res-

ponder a dificuldades e dúvidas, desfazer equívocos, repelir heresias, abolir abusos, exortar à fidelidade e à prática das virtudes. Enquanto lê a Carta, encontre as palavras pedidas no versículo indicado; depois, transporte-as para o diagrama abaixo.

_____ (pl.) (5,23) perfeitos; corretos.
 _____ (sing.) (1,1) de Tessalônica
 _____ (1,9) mudastes; renovastes

HONESTAMENTE (4,4) honradamente
 _____ (4,3) estado de santidade
 _____ (2,13) dar bom resultado
 _____ (1,3) esforços; empenhos
 _____ (2,5) que sabe e declara
 _____ (1,5) certeza íntima
 _____ (2,19) expectativa otimista

MACEDÔNIA (4,10) prov. no N. da Grécia

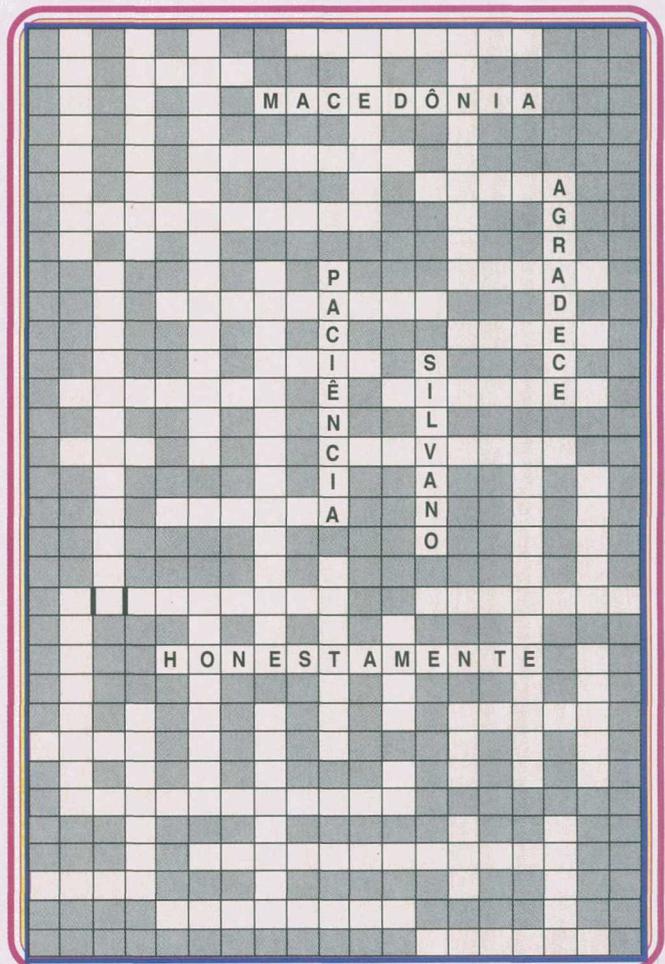
PACIÊNCIA (5,14) suportar com paz
 _____ (3,6) carinhosa; afável

AGRADECE (3,9) dá graças
 _____ (5,8) protetor da cabeça
 _____ (4,9) amor; beneficência
 _____ (3,13) reafirme; corrobore
 _____ (5,28) com vocês
 _____ (5,21) analisai; avaliai
 _____ (5,15) exercitai
 _____ (4,16) corneta
 _____ (1,6) regozijo; júbilo
 _____ (3,4) gerúndio do v. estar
 _____ (2,2) cid. da Macedônia
 _____ (1,3) estabilidade
 _____ (2,13) termo; vocábulo

SILVANO (1,1) companheiro de Paulo
 _____ (5,6) frugais p/ comer-beber
 _____ (3,2) "comp. íntimo e fiel"
 _____ (5,18) desejo

_____ (3,1) cid. no SE da Grécia
 _____ (2,9) cansaço; estafa
 _____ (1,8) prov. ao S. da Grécia
 _____ (4,44) o Salvador
 _____ (2,2) combates; conflitos
 _____ (1,3) trabalhos; ações
 _____ (1,1) o Apóstolo
 _____ (2,17) ver novamente

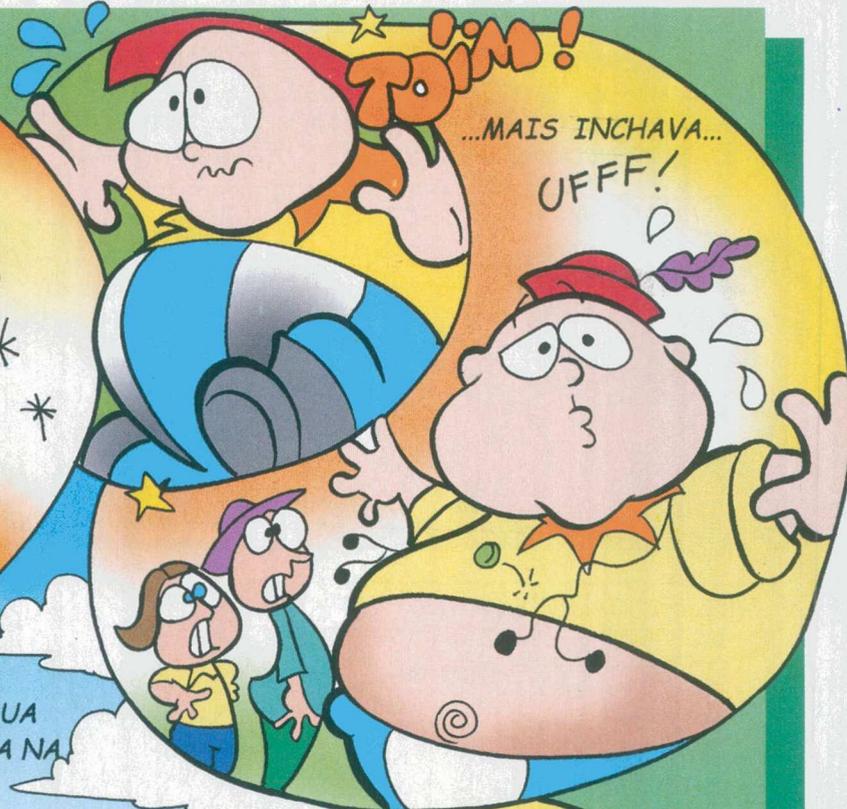
_____ (2,4) avalia; explora
 _____ (4,9) querer bem
 _____ (4,1) o Pai
 _____ (4,12) parte exterior
 _____ (5,17) rezai
 _____ (1,4) V. "Ser", Pres. do Ind. 2ª pes. pl
 _____ (5,4) vinte e quatro horas.
 _____ (5,5) claridade; brilho
 _____ (5,13b) tranqüilidade
 _____ (3,10) confiança.



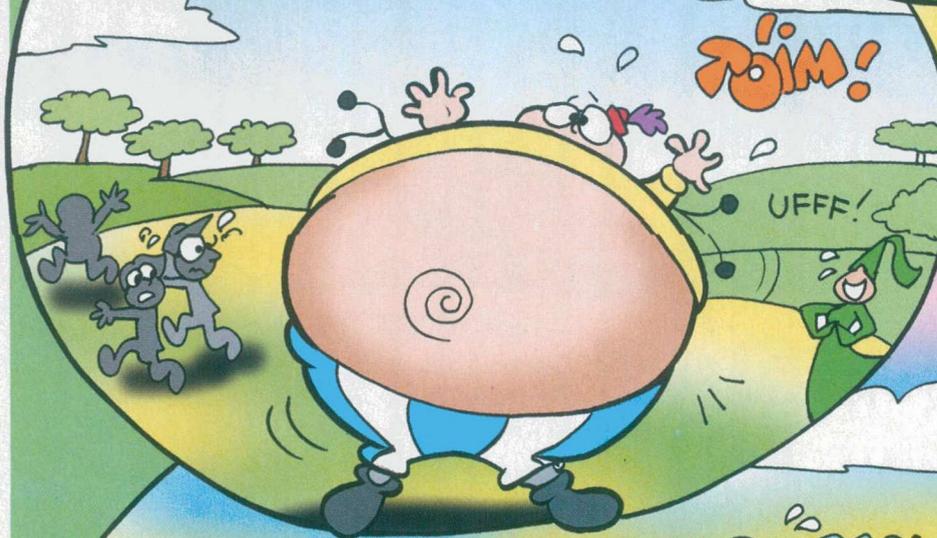
Turma da Maira



E CADA VEZ QUE JOÃO-BOLÃO SE ENVAIDECIA...



... E QUANTO MAIS AUMENTAVA SUA VAIDADE, SEU CORPO SE INFLAVA NA MESMA MEDIDA...



...ATÉ QUE TODOS FORAM SE AFASTANDO, AFASTANDO, PORQUE TEMIAM QUE UMA HORA ELE "EXPLODIRIA" DE TÃO GRANDÃO!



E, DE TANTO ORGULHO, JOÃO-BOLÃO INCHOU, INCHOU, ATÉ QUE...

BUM!

EXPLODIU!

...E SEUS PEDACINHOS SE TRANSFORMARAM EM MILHARES DE "JOÃOZINHOS" E TODOS RIRAM DELE...



ATÉ QUE A FADA SE COMPADECEU E DEVOLVEU A SUA FORMA DE ANTES...

TÓM!



...E JOÃO-BOLÃO NUNCA MAIS CONTOU VANTAGENS E SEUS AMIGOS VOLTARAM A SE APROXIMAR, POIS NÃO TINHAM MAIS MEDO QUE ELE EXPLODISSE...



ASSIM É COM A GENTE, FELÍCIA; O ORGULHO EXAGERADO FAZ AS PESSOAS SE AFASTAREM, POIS NOS TORNAMOS COMO BOLAS MUITO CHEIAS, PRONTAS A EXPLODIR E MAGOAR QUEM ESTIVER POR PERTO!

ACHO QUE APRENDI A LIÇÃO, MAS, POR ENQUANTO, VOU TOMAR CUIDADO COM AS "MINHAS MEDIDAS" ATÉ EU MELHORAR DE VEZ!



HAHAHAHA!



FIM

É

claro que toca Roberto Carlos.
Mas o Rei aqui é outro.



Jesus Cristo. Fé. Esperança. Música. Entretenimento. Debate.
Cultura. Participação. Cidadania. Ética. Justiça. Comunidade.
Rádio 9 de Julho. Uma rádio que toca a sua vida melhor.

AM 1600kHz
rádio9dejulho
tocandosuaavidamelhor

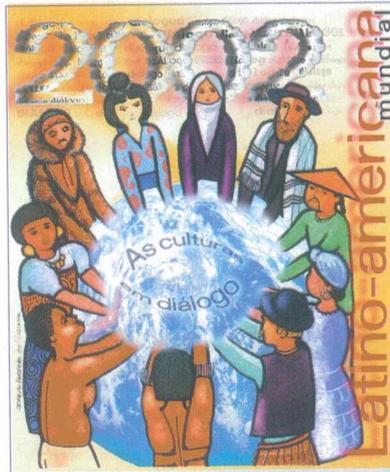
Ave
MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3823-1060 ou 0800 555-021
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

CORREIOS
Impresso especial
5406/01 DR/SPM
Ave Maria

Agenda Latino-americana 2002

D. Pedro Casaldáliga e José Vigil



Vimos, com alegria, apresentar-lhe a "Agenda Latino-americana 2002".

A "Agenda Latino-americana 2002" continua sendo instrumento de esperança e de utopia de justiça, em meio aos avanços da globalização excludente e a dança de capitais, de nação para nação, que privilegiam, assim, os senhores do mundo em detrimento dos necessitados.

A "Agenda Latino-americana 2002" é uma ferramenta útil para a unidade, buscando outra globalização, a da comunhão e da solidariedade.

Por isso, ela não pode faltar em nossa mesa de trabalho para organizar nossa vida cristã. Sua leitura quer apontar para o Evangelho, atualizado, com suas lições mais profundas de compromisso com a causa de Jesus Cristo.

Além de adquiri-la para seu uso, poderá ser ótimo presente de Natal. Divulgue-a, fale dela com os amigos. Já traduzida em mais de 7 línguas diferentes, é a obra do gênero mais difundida, a cada ano que passa. Faça sua reserva logo. Custa apenas R\$ 11,00. *(Não incluso o porte de correio)*. Para as Congregações, comunidades paroquiais, colégios, empresas, etc. que fizerem um pedido de 100 exemplares ou mais, haverá 50% de desconto.

E o que é mais importante: Você participará da corrente global da "outra mundialidade", a da solidariedade e do diálogo das culturas entre os povos.

Junte seu pedido ao dos amigos, alcance 50% de desconto e faça já sua reserva. Para os pedidos ou mais informações, utilize o telefone da *Revista Ave-Maria* 0800-555-021. (Falar com Avelino, Cláudio Gregianin ou Eduardo).
Obs. - O lançamento, com a presença de d. Pedro Casaldáliga, será no dia 19 de outubro às 19h no PARLATINO (Parlamento Latino Americano) em São Paulo, SP. - Entrada Franca.

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.